

# Conservas de Peixe

REVISTA MENSAL



ETP

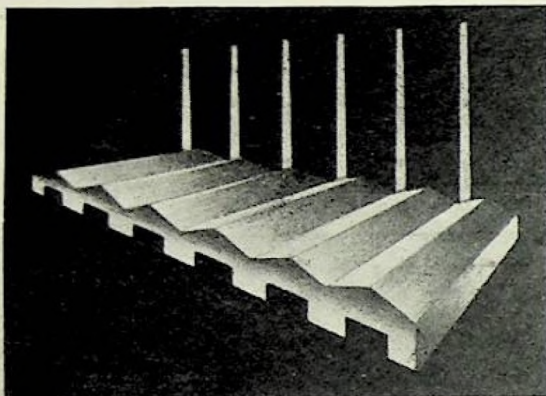
ANO III  
1948

MAIO  
N.º 26

# algarve exportador l.<sup>da</sup>


MAISON FONDEE EN 1920


CONSERVES DE POISSONS • ARMATEURS DE PECHE



SIEGE  
A  
LISBONNE




 MATOSINHOS

 NAZARETH

 PENICHE

 LISBOA

 SETUBAL

 LAGOS

PRINCIPALES MARQUES

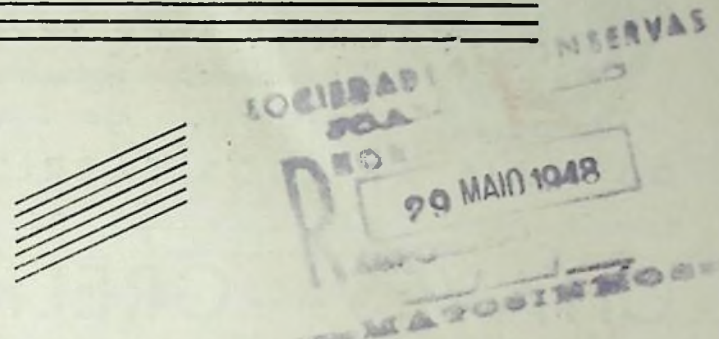
N I C E

NICETTE  
C I N E  
FLORA  
CORAL  
TRIADE



CONSERVES DE: SARDINES • FILETS DE MAQUEREAUX • THON • ANCHOIS • DIVERS POISSONS

GRANDES USINES DU NORD AU SUD DU PORTUGAL



# SCHWARZ & EHRlich

A G E N T E S D E I M P O R T A Ç Ã O

100 HUDSON STREET  
NEW YORK 13, N. Y.

*Endereço Telegráfico: SARDI PORT*

Estamos habilitados para a venda de produção de primeira classe, do Sul e de Setúbal, em marcas Estrangeira e Portuguesa. Solicitamos aos Srs. Fabricantes, interessados em estabelecer uma Agência nos Estados Unidos, o favor de entrarem em contacto conosco.



# J. B. Cardoso, L.<sup>da</sup>

Calçada de Santo Amaro, 3 — LISBOA

OS MAIS ANTIGOS FABRICANTES EM PORTUGAL

DE

## CHAVES — GRELHAS — PREGOS

AGENTES DEPOSITÁRIOS

MATOSINHOS

Afonso Barbosa & C.<sup>da</sup>, L.<sup>da</sup>

R. de Brito Capelo, 1023

SETÚBAL

Setúbal Factories Agency, L.<sup>da</sup>

Av. Luiza Todi, 277

ALGARVE

Feliciano Anjos Pereira

OLHÃO

## Sardinha do Algarve, L.<sup>da</sup>

FABRICANTES E EXPORTADORES

CONSERVAS DE PEIXE  
em azeite e em salmoira

Fabricações especiais em  
azeite na marca MARGARET  
Sardinhas sem espinha  
Sardinha sem pele nem espinha

FILETES DE ANCHOVAS

Endereço Telegráfico: «Sardinha» / Telefone 25

OLHÃO — PORTUGAL

# MARTEL

REG. U. S. PAT. OFF.  
BRAND



## Conservas Portuguesas

SARDINHAS

ANCHOVAS

ANTIPASTO

Preparadas para a nossa firma  
pelos melhores fabricantes de  
Portugal e saboreadas pelo  
mais fino paladar Americano

ADOLPH GOLDMARK & SONS CORP.  
MARTEL FOOD CORP. NEW YORK  
U. S. A.

# MARIE ELISABETH

A MARCA AFAMADA DAS CONSERVAS  
DE SARDINHAS PORTUGUESAS  
EM AZEITE E TOMATE  
COM ESPINHA  
SEM ESPINHA  
SEM PELE E SEM ESPINHA  
E DE FILETES DE ANCHOVAS  
QUALIDADE EXCELENTE

## JÚDICE FIALHO & C.<sup>A</sup> FARO

José Correia Pontes, L.<sup>da</sup>

fabricantes de conservas de peixe  
em azeite e em salmoira

Tele { gramas: Cerinhas — Olhão  
| one: 17

Códigos { A. B. C. 5.<sup>a</sup> Ed.  
| Bentley's  
| Privés

Olhão - Portugal

Sociedade de Conservas  
**ATLAS, L.<sup>DA</sup>**

Fabricantes-Export. de Conservas de Peixe  
SETÚBAL - PORTUGAL

MARCAS:

LION DE L'ATLAS  
VERONIQUE

EVA

SCAL  
LA SEMEUSE PORTUGAISE

Enderço Telegráfico — "Atlas"

Telefone 349

Bentley's Code



# VICTOR M. CALDERÓN Co.

ENDEREÇO TELEGRÁFICO  
DELABARCA

FUNDADA EM  
1923

99, HUDSON STREET  
NEW YORK, 13

A PRIMEIRA CASA AMERICANA EM PRODUTOS PORTUGUESES

ESPECIALIZADA EM:

Conservas de Peixe, Pimentão,  
Azeite de oliveira, Amêndoas, Frutos  
secos e Cortiça

Fábrica: - SETÚBAL  
Telefones: - 164 e 327  
Telegramas: - SELISMA

LISBOA  
R. JARDIM DO REGEDOR, 37-3.º  
Telefones: | 3 1824  
              | 3 3037  
Telegramas: - SELISMA  
Caixa Postal 712 (Central)

Fábrica: - MATOSINHOS  
Telefone: - 623  
Telegramas: - SELISMA

## Conservas *Unitas*, Limitada

FABRICANTES - EXPORTADORES

CÓDIGOS:

A. B. C. 5th. & 6th. Ed.  
BENTLEY'S  
MASCOTTE 2.º Ed.  
NATIONAL FRANÇAIS  
RUDOLF MOSSE E SUPL.  
PRIVÉS

Sede: - LISBOA

Marcas Registradas:

CHAMEAU	MADALENA
BERRY	NICOLA
IRIS	MONICA
SILLEDÓ	UNITAS
SAMBA	

Marcas: Prado, Faina, Farnel e Merenda

**Conservas Prado, L.<sup>da</sup>**

FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

Rua de Brito Capelo, 1165

Telefone, 327-M Telegramas: "PRADO" Apartado 27

**M A T O S I N H O S**



**É DE SE LHE  
TIRAR O CHAPEU**

**VENTRESCA  
RAMIREZ**

POR GROSSO:  
**RAMIREZ & C.<sup>l</sup>**  
R. AUGUSTA, 27, 2.<sup>o</sup>  
LISBOA - TELÉF. 2 3626

**GASPAR CARMO & IRMÃO**  
R. BONJARDIM, 524, 1.<sup>o</sup>  
PORTO - TELÉF. 888

TELEPHONES  
MANSION HOUSE 2205-6-7  
TELEGRAMS  
AFFABLE, LONDON

**H & T. Walker Ltd**

FUNDADA EM 1876

37, EASTCHEAP  
LONDON, E. C. 3

**IMPORTAÇÃO:**

Conservas de sardinhas e outros peixes  
Conservas de frutos e legumes  
Frutos secos e todos os diferentes produtos alimentícios

**EXPORTAÇÃO:**

Matérias primas e máquinas para fábricas  
Todas as espécies de produtos Britânicos

# Schroeder Bros Inc.

AGENTES DE FABRICANTES — DISTRIBUIDORES

Sardinhas — Atum — Filetes de Anchovas



Azeite de Oliveira — Frutos secos — Especialidades

AGENTES EXCLUSIVOS NOS ESTADOS UNIDOS  
DAS PRINCIPAIS CASAS EUROPEIAS DESDE 1913

10 Beach Street NEW-YORK, N. Y. End. teleg. "Frader"

# The Norport Company, Inc.

99, Hudson Street ~ New York, N. Y.

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:  
P O R T N O R C O M



Importadores de Con-  
servas de Peixe de  
Portugal e Colónias

A nossa organização de Vendas  
cobre todos os Estados Unidos

# BREWSTER TRADING CORPORATION

99 HUDSON ST.  
NEW YORK, 13

ENDEREÇO TELEGRÁFICO  
DOGHORSE

ORGANIZADA EM 1941

EXPORTADORES E IMPORTADORES

EXPORTAÇÃO: Redes para Pesca, Folha de Flandres, Arame para Chaves, Maquinaria para a Indústria de Pesca, Produtos Químicos, etc.

IMPORTAÇÃO: Produtos Portugueses.

ESTABELECIDADA EM 1882

## Strohmeyer & Arpe Company

IMPORTADORES  
Distribuindo através de todos os  
ESTADOS UNIDOS

139-141 FRANKLIN STREET  
NEW - YORK, N. Y.  
Endereço telegráfico: "Ryrabate"

# Severo Ramos, Ltd.

PORTIMÃO  
PORTUGAL

Fabricants — Exportateurs

De Conserves de Sardines, Anchois  
et Filets de Maquereaux

MARQUES DÉPOSÉES

Splendour — Marco Polo  
— Rosebelle — Exquisite

Télé { gramme "SEVERO" Portimão  
phone 22-23

Sociedade de Conservas

## A UNIVERSAL

L i m i t a d a

FABRICANTES E EXPORTADORES



R. D. João I, 271 a 309 — R. Mou-  
sinho de Albuquerque, 274 a 309

Apartado, 23

Enderço telegráfico: Universal

Telefone, 98-M

MATOSINHOS — Portugal

Preferam as Conservas desta Fábrica

USINE SUR LIEU DE PÊCHE

Produits de Choix



Sardines portugaises

à l'huile d'olive et à la tomate



Marques déposées

L'UNIVERSELLE

UNIVERSAL

ROSÁLIA

ORBELA

ZÉLIA

MINDELO

ATRAENTE

GUIDA

LUTADORA

# Steinhardter & Nordlinger

FIRMA EXPORTADORA

105, Hudson Street  
New-York City, U. S. A.

Exportadores de todos os materiais necessários para o fabrico de Conservas de Peixe:

Folha

Arame para precintar

Fita de aço para precintar

Maquinaria para vazio

Arame para chaves

Verniz para latas

Arco de ferro

Geradores

Cabo de aço

Guinchos e monta cargas

Motores Dieisels

Arame queimado

ENTREGAMOS O QUE VENDEMOS

Enderço Telegráfico: NORDSTEIN — NEW-YORK

ANO III

N.º 26

# Conservas de Peixe

M A I O

1 9 4 8

REVISTA MENSAL

Director: JOSÉ ANTONIO FERREIRA BARBOSA

Editor e Proprietário: J. AGOSTINHO FERNANDES

Composição e impressão: SOCIEDADE ASTÓRIA, LDA.—Regueirão dos Anjos, 68—LISBOA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Av. Marquês de Tomar, 14-3.º-Tel. 53138-LISBOA

## Sumário

*Nova Safra; Produção e Exportação; Production and Exportation; Pesca e Conservas no Sul de Angola; Pedidos de Representação; Os nossos meios de pagamento ao estrangeiro e as reservas do Banco de Portugal; Latas de alumínio; A propaganda das nossas sardinhas nos Estados Unidos; A organização científica do trabalho; A indústria da pesca e das Conservas; Mercado belga; Direitos de importação na Holanda; Conservas de Peixe para a Grécia; Acordo comercial Luso-Belga; Valores de exportação; Mercados (Itália); Pelo Estrangeiro; Matérias Primas; Pesca da Sardinha.*

# A NOVA SAFRA

*Terminou em 30 de Abril, em todos os Centros, o desejo do fabrico das conservas de sardinha, e os que mourejam na indústria, patrões e operários, preparam-se para iniciar a nova campanha com a esperança, renovada todos os anos nesta época, de que a safra que começa será melhor do que a que acabou, e que os problemas que as anteriores deixaram em suspenso vão ter agora a sua solução.*

*Mas, será tudo isto simples anseios ou haverá, de facto, razões fortes para que se seja este ano mais optimista?*

*Em boa verdade, o panoramu que o mundo actual nos oferece não é dos mais atraentes. O caminho para a normalidade das relações comerciais continua a estar erigido de grandes dificuldades, e a marcha é lenta e por vezes penosa.*

*A par de um espirito de colaboração internacional,*

*construtivo e renovador, que começa a enraizar e de que há a esperar frutos benéficos para a colectividade, vemos, também, o egoísmo e a desconfiança a reinarem em muitas Nações, semeando a discórdia e cavando abismos entre elas.*

*A solidariedade que devia, portanto, estreitar os povos, e sem a qual paz, trabalho e progresso são palavras vãs, não existe.*

*A situação complica-se ainda mais com o reaparecimento dos nacionalismos económicos, causa imediata da última guerra que teve como um dos seus fins destruí-los, e que resurgem agora, de novo, plétóricos de vigor, como se a tremenda hecatombe não tivesse outro efeito senão o de insuflar-lhes maiores energias.*

*O que se pensava que viria a ser, depois da guerra, euforia de viver, progresso no trabalho, bem estar económico e justiça social, tornou-se numma apagada e vil*

tristeza em que os homens de boa fé começam a descrever desse mundo melhor que os profetas da política nos prometeram, mas não se vislumbra. Em virtude desta confusão nos espíritos e deste mal estar económico que alastram por toda a parte, as indústrias portuguesas de exportação têm visto fechar-se-lhes, uma a uma, as portas dos seus mercados compradores, a sua produção acumula-se sem encontrar escoamento e a economia do país, diminuída a drenagem por onde corria a receita necessária para fazer face ao pagamento das importações, sofre graves prejuízos.

No caso particular que mais directamente nos afecta — o da indústria de conserva de peixe —, todos sabem que, exceptuando a Bélgica, na Europa, e os Estados Unidos, na América do Norte, que não opõem restrições à importação, os restantes países, proibem, praticamente, a entrada das nossas conservas sob o pretexto de que o escudo é moeda forte, ou relegam-nas para a categoria dos produtos de luxo, para os quais não concedem divisas.

Estão neste caso, presentemente, a Inglaterra, a França, a Suíça, a Suécia e a Holanda, que são, além da Bélgica, os únicos países que nos ficaram dos antigos compradores de antes da guerra na Europa, a qual, como se sabe, consumia, só por si, cerca de 85 % de toda a nossa produção de conservas.

No continente americano, à excepção dos Estados Unidos, como acima dissemos, todos os outros países, que eram bons compradores, como o Brasil, Argentina, Cuba, Venezuela, México, Chile, Canadá, restringem a importação das nossas conservas, e na Ásia e na África os países que consumiam estes nossos produtos já não dão licenças para a sua importação, ou porque estão na área do esterlino, que considera o escudo hard currency, como sucede a todos os países da Comunidade Britânica, ou porque, como o Egipto, a Palestina e a Síria, baseiam as suas transacções na libra e nós pelas disposições oficiais em vigor só lhes podemos vender em dólares.

Há ramos da nossa indústria de conservas de peixe, como o do atum em azeite e o das salgas, que sofrem duma crise de falta de mercados que dura desde o fim da guerra e que lhes tem criado condições difíceis de existência.

Mas, na vida internacional, as situações mudam, por vezes, duma forma inesperada, no sentido que há muito se almejava, em virtude de esforços que passam despercebidos ao observador mas que vão actuando lenta e persistentemente, até que conseguem levar de vencida os obstáculos que se lhes opunham.

Sabemos que as nossas entidades superiores, e nesta parte é de justiça destacar o Instituto Português de Conservas de Peixe, desenvolvem uma actividade infatigável, digna de louvor e reconhecimento, para conseguir que os governos estrangeiros facilitem, no máximo do possível, a produção e a exportação das nossas conservas de peixe.

Os contingentes de folha, este ano, dos Estados Unidos, atingem o dobro das quantidades concedidas no ano passado, e as autoridades americanas estão, igualmente, a dar licenças extra-contingente relativamente volumosas.

A normalidade da produção ficará assim melhor assegurada.

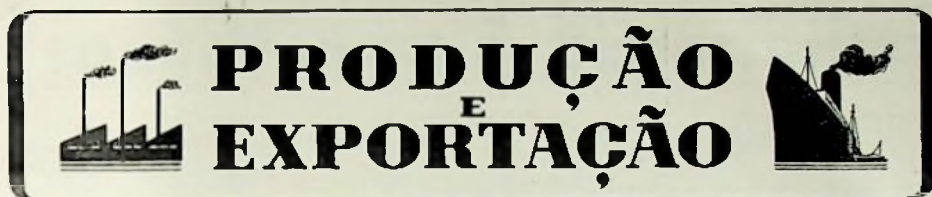
Estão em curso negociações com a British Government Purchasing Mission para a venda duma quantidade substancial de conservas, e tudo leva a crer que elas chegarão rapidamente a bom termo. A indústria ficará assim na posse duma base sólida para a sua produção e dum canal amplo para o escoamento dos seus produtos.

O acordo comercial assinado ultimamente entre Portugal e a Bélgica prevê a importação por esta de 18.000 ton. (cerca de 900.000 mil caixas) de conservas de sardinha em azeite e 500 ton. de outras conservas. Há já conhecimento de que uma importante organização de compradores belgas se deslocará a Portugal para fazer os seus abastecimentos.

Prosseguem, também, as discussões oficiais com a França para um acordo comercial no qual as conservas de peixe, como é tradicional nos convénios com este país, terão uma quota apreciável.

Finalmente, a propaganda que o Instituto vai iniciar em breve nos Estados Unidos há-de trazer uma melhoria da nossa exportação para aquele grande mercado.

Os factos parecem, pois, querer dar razão aos optimistas e também aos que crêem que «hora a hora, Deus melhora...».



**Situação do mês de Janeiro**

**PRODUÇÃO**

**AZEITES OU MOLHOS**

A produção no mês de Janeiro foi de 149.838 caixas, distribuídas pelos seguintes fabricos: sardinha, 127.096; carapau, 909; atum e similares, 731; anchovas, 19.647; outras espécies, 1.455.

O Centro que mais produziu, foi Setúbal, com 57.290 caixas; segue-se-lhe, muito perto, Matosinhos, com 54.210 caixas e, já relativamente afastado, Olhão, com 16.619 caixas.

Em relação às espécies fabricadas, Setúbal foi o maior produtor de sardinha (55.280 caixas); Matosinhos, de carapau (722 caixas) e de outras espécies (514 caixas); Lisboa, de atum (514 caixas) e Olhão, de anchovas (10.832 caixas). Em relação ao mês anterior, Dezembro de 1947, fabricaram-se menos em Janeiro, 151.909 caixas, e houve também uma diminuição de 12.982 caixas em relação ao mês de Janeiro do ano anterior.

**SALMOURA**

Esta fabricação atingiu 298.203 quilos, sendo: 155.838 de sardinha, 141.350 de biqueirão e 1.020 de outras espécies. V. R. de Santo António figura em primeiro lugar com 135.245 quilos, em seguida, Olhão, com 91.715 quilos e em terceiro, Matosinhos, com 42.967 quilos.

Fabricaram-se neste mês mais 43.635 quilos do que em Dezembro e mais 86.542 do que em Janeiro de 1947.

**EXPORTAÇÃO**

*Por Centros*

**AZEITES OU MOLHOS**

A exportação foi de 2.683.811 quilos (144.728 caixas) no valor de 32.571.700\$65, nos seguintes fabricos: 2.343.511 quilos de sardinha (123.477 caixas) no valor de 26.950.376\$50; 299 quilos de cavala (17 caixas) no valor de 4.126\$20; 130.526 quilos de atum e similares (4.593 caixas) no valor de 2.127.573\$80; 153.708 quilos de anchovas (14.798 caixas) no valor de 3.074.160\$00; 8.019 quilos de lulas e chocos (473 caixas) no valor de 59.741\$55; 47.748 quilos de outras espécies (1.370 caixas), dos quais 43.065 de baleia e 4.599 de antepasto, no valor total de 355.722\$60.

Setúbal está à frente desta exportação com 1.140.595 quilos (58.847 caixas) no valor de 13.122.617\$80; vem a seguir Matosinhos com 632.832 quilos (34.309 caixas) no valor de 7.402.622\$70 e depois Portimão, com 380.622 quilos (20.347 caixas) no valor de 4.504.126\$00. A exportação de Janeiro foi inferior à de Dezembro em 351.360 quilos no valor de 131.262\$00 e à de Janeiro de 1947 em 1.249.182 quilos no valor de 17.065.331\$65.

**SALMOURA**

Esta exportação foi de 222.202 quilos no valor de 670.629\$00, assim distribuída: sardinha, 217.323; cavala, 75; atum, 30; carapau, 2.200 e não especificados, 2.574 quilos. O principal Centro exportador foi

Setúbal, com 118.694 quilos de sardinha no valor de 356.082\$00.

Em Dezembro exportaram-se menos 100.918 quilos e em Janeiro de 1947 menos 57.690 quilos com o valor, respectivamente, de 282.877\$ e 165.177\$00.

**CONGELADOS**

A exportação de congelados foi de 52.230 quilos no valor de 326.473\$50 e nas seguintes espécies: polvo, 23.890; sardinha, 19.590; lulas, 7.780; carapau, 520 e enguia 450.

Lisboa foi o único Centro exportador e o principal país importador foi a Argentina com 30.280 quilos.

*Por Países*

Os três principais países importadores, foram: E. U. A. (735.014 quilos), Bélgica (694.400 quilos) e Inglaterra (693.158 quilos).

Em relação às espécies, a Bélgica foi o maior comprador de sardinha (694.381 quilos); a Itália, de atum, (74.592 quilos); os E. U. A., de anchovas (131.386 quilos); Cuba, de lulas e chocos (3.433 quilos); a França, de baleia (43.065 quilos, e a Venezuela, de antepasto (4.255 quilos). Em Dezembro ocupam estes lugares, respectivamente, a Bélgica (1.608.889 quilos), os E. U. A. (633.296 quilos) e a Suíça (159.975 quilos). Em Janeiro do ano passado são os mesmos países deste ano, ocupando os mesmos lugares: E. U. A. (890.046 quilos); Bélgica (659.069 quilos) e Inglaterra (504.654 quilos).

**SALMOURA**

O principal país importador foi a Itália, com 128.670 quilos de sardinha no valor de 386.010\$00.

A Itália foi igualmente o maior comprador desta conserva tanto em Dezembro, em que nos adquiriu 52.667 quilos no valor de 158.031\$, como em Janeiro do ano passado, em que nos comprou 121.524 quilos.

Produção, por centros, de conservas em azeite ou mólhos, em caixas, em Janeiro de 1948  
1947 Canned Fish Pack (in cases)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchar</i>	Caçala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Outras Espécies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
Matosinhos . . . . .	51.771	722	-	29	1.144	544	54.210
Peniche . . . . .	375	-	-	-	117	-	692
Lisboa . . . . .	4.985	6	-	514	748	400	6.662
Setúbal . . . . .	55.280	175	-	52	1.574	209	57.290
Lagos . . . . .	946	-	-	-	850	287	2.083
Portimão . . . . .	6.909	6	-	-	1.884	-	8.799
Olhão . . . . .	5.651	-	-	136	10.832	-	16.619
V. R. S. António . . . . .	979	-	-	-	2.498	6	3.483
	127.096	909	-	731	19.647	1.455	149.838

Exportação, por centros, de conservas em azeite ou mólhos, em quilos, no mês de Janeiro de 1948  
1947 Canned Fish Export (by Centers)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchar</i>	Caçala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squid</i>	Outras espécies <i>Other spe- cies</i>	TOTAIS <i>Total</i>		Valores • <i>Values</i>
								Caixas <i>Cases</i>	Quilos <i>Kilos</i>	
Matosinhos . . . . .	616.520	-	109	2.780	13.213	126	84	34.309	632.832	7 402 622\$70
Peniche . . . . .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lisboa . . . . .	159.092	-	190	28.839	21.276	370	<sup>a</sup> 4.599	12.547	214.366	2.764.794\$75
Setúbal . . . . .	1.060.312	-	-	11.284	18.411	7.523	<sup>b</sup> 43.065	58.847	1.140.595	13.122.617.80
Lagos . . . . .	87.172	-	-	-	475	-	-	4.638	87.647	1.011.978\$00
Portimão . . . . .	365.684	-	-	-	14.938	-	-	20.347	380.622	4.504.126\$00
Olhão . . . . .	37.320	-	-	7.182	50.979	-	-	7.624	95.481	1.565.826\$60
V. R. S. António . . . . .	17.411	-	-	80.441	34.416	-	-	6.416	132.268	2.199.734\$80
	2.343.511	-	299	130.526	153.708	8.019	47.748	144.728	2.683.811	32.571.700\$65

\* Valores médios, estabelecidos pelo Conselho Geral do I. P. C. P. para efeito de cálculo da contribuição industrial. — a) Antepasto b) Baleia



# FRAZAR & COMPANY

50 CHURCH STREET, NEW-YORK, 7 N. Y.

IMPORTADORES-EXPORTADORES-DISTRIBUIDORES

Direcção telegráfica  
«FRAZAR» New York

Codigos

A. B. C. (5th. Imp) Acme,  
Bentley's

Western Union

★  
*Importação: Sardinha-Anchovas-Atum-Productos Alimenticios*

★  
*Exportação: Agentes Exportadores Exclusivos para Portugal e Colónias: Atlas  
Imperial Diesel Engine Co.- Fabricantes de Motores Diesel e a Gasolina  
R. J. Ederer Company- Fabricantes de Redes para Pesca de todos os tipos e  
Exportadores de Productos Alimenticios-Máquinas-Ferragens-Material Eléctrico  
e de Engenharia-Mercadorias Gerais*

# Production and Exportation

Situation during the month of January

## PRODUCTION

### OIL OR SAUCES

The production during the month of January was of 149.838 cases, distributed for the following packings: Sardines, 127.096; Chinchards, 909; Tunny and the like, 731; Anchovies, 19.647; other kinds, 1.455.

The leading producing center was Setubal with 57.290 cases, nearly followed by Matosinhos with 54.210 cases and rather far from the two, Olhão with 16.619 cases.

As regards kinds, Setubal was the largest producer of Sardines (55.280 cases); Matosinhos for Chinchards (722 cases) and other kinds (544 cases); Lisbon for Tunny (514 cases) and Olhão for Anchovies (10.832 cases). As regards the last month, December, 1947, in January were packed 151.909 cases less and there was also a decrease of 12.982 cases as regards the month of January of last year.

### BRINE

This packing reached 298.208 kilos, so distributed: 155.938 for Sardines, 141.350 for «Biqueirão» and 1.020 for other kinds. Vila Real de Santo António takes the first place with 135.245 kilos, in second place comes Olhão with 91.715 and in third place is Matosinhos with 42.967 kilos. During this month were packed 43.635 kilos more than in December and 86.542 kilos more than in January, 1947.

## EXPORT

### By Centers

#### OIL OR SAUCES

The export was of 2.683.811 kilos (144.728 cases) amounting to Escudos 32.571.700\$65, for the following packings: 2.343.511 kilos of Sardines (123.447 cases) amounting to Escudos 26.950.376\$50; 299 kilos of Mackerel (17 cases) amounting to Escudos 4.126\$20; 130.526 kilos of Tunny and the like (4.593 cases) amounting to Escudos 2.127.573\$80; 153.708 kilos of Anchovies (14.798 cases) amounting to Escudos 3.074.160\$00; 8.019 kilos of Calamaries and Cuttle-fish (473 cases) amounting to Escudos 59.741\$55; 74.748 kilos of other kinds (1.370 cases) of which 43.065 of Whale and 4.599 of Anti-pasto, amounting to Escudos 355.722\$60.

Setubal leads the export with 1.140.595 kilos (58.847 cases) amounting to Escudos 13.122.617\$80; it is followed by Matosinhos with 632.832 kilos (34.309 cases) amounting to Escudos 7.402.622\$70; Portimão comes in third place with 380.622 kilos (20.347 cases) amounting to Escudos 4.504.126\$00. The export during the month of January was lower compared with that of December in 351.360 kilos, amounting to Escudos 131.262\$00 and as regards January, 1947 in 1.249.182 kilos, amounting to Escudos 17.065.331\$65.

### BRINE

This export was of 222.202 kilos amounting to Escudos 670.629\$00, so distributed: Sardines, 217.232; Mackerel, 75; Tunny, 30; Chinchards, 2.200 and not specified, 2.574 kilos. The chief exporting center was

Setubal with 118.694 kilos of Sardines amounting to Escudos 356.082\$.

In December were exported 100.918 kilos less and in January, 1947 57.690 kilos less respectively amounting to Escudos 282.877\$00 and 165.177\$00.

### FROZEN

The export of frozen was of 52.230 kilos amounting to Escudos 326.473\$50 for the following kinds: Poulp, 23.890; Sardines, 19.590; Calamaries, 1.780; Chinchards, 520 and Eels, 450.

Lisbon was the sole exporting center and the chief importing country was Argentina with 30.280 kilos.

### By Countries

#### OIL OR SAUCES

The three leading importing centers were: U. S. A. (735.014 kilos), Belgium (694.400 kilos) and England (693.158 kilos).

As regards kinds Belgium was the first buyer of Sardines (694.381 kilos); Italy for Tunny (74.592 kilos); U. S. A. for Anchovies (131.386 kilos); Cuba for Calamaries and Cuttle-fish (3.433 kilos); France for Whale (43.065 kilos) and Venezuela for Antipasto (4.255 kilos).

In December these places are respectively occupied by Belgium (1.608.889 kilos), U. S. A. (633.296 kilos) and Switzerland (159.975 kilos). In January of last year the places are occupied by the same countries of this year: U. S. A. (890.046 kilos); Belgium (759.069 kilos) and England (504.654 kilos).

### BRINE

The chief importing country was Italy, with 128.670 kilos of Sardines amounting to Escudos 386.010\$.

Italy was also the leading buyer for this preserve in December buying from us 52.667 kilos in the value of Escudos 158.031\$00 as well as in January of last year with 121.524 kilos.

Exportação de conservas de peixe em azeite ou molhos, em quilos, por países de consumo, em Janeiro de 1948

January Canned Fish Export (by Countries)

	Sardinha <i>Sardiné</i>	Carapau <i>Chinchará</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e Similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squids</i>	Outras espécies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
Aden. . . . .	1.900	-	-	-	48	-	-	1.948
Alemanha. . . . .	4.750	-	-	-	4.750	-	-	9.500
Angola. . . . .	1.887	-	-	-	-	-	46	1.933
Arábia. . . . .	475	-	-	-	-	-	-	475
Argentina. . . . .	4.885	-	-	-	-	-	-	4.885
Austrália. . . . .	190	-	-	-	-	-	-	190
Bélgica. . . . .	694.381	-	-	19	-	-	-	694.400
Bolívia. . . . .	5.985	-	-	-	-	-	-	5.985
Brasil. . . . .	26.710	-	-	3.363	2.084	-	-	32.157
Canadá. . . . .	950	-	-	-	2.663	-	-	3.613
Checo Eslováquia. . . . .	19.000	-	-	-	4.750	-	37	23.787
Colômbia. . . . .	589	-	-	-	-	-	-	589
Congo Belga. . . . .	1.425	-	-	1.900	1.900	-	-	5.225
Curaçao. . . . .	845	-	-	-	47	-	-	892
Cuba. . . . .	65.694	-	-	1.240	1.472	3.435	-	71.839
Equador. . . . .	950	-	90	-	-	-	-	1.040
E. U. América. . . . .	567.314	-	-	34.279	131.386	1.850	185	735.014
França. . . . .	171	-	-	-	-	-	43.065 <sup>(a)</sup>	43.236
Filipinas. . . . .	5.200	-	-	-	-	-	-	5.200
Guatemala. . . . .	468	-	-	-	-	-	-	468
Guiana Hol. . . . .	665	-	-	-	-	-	-	665
Guiné Portug. . . . .	627	-	19	57	-	126	84	913
Haiti. . . . .	760	-	-	171	58	-	-	989
Holanda. . . . .	19	-	-	-	-	-	-	19
Hong-Kong. . . . .	190	-	-	-	-	-	-	190
Índia Portug. . . . .	38	-	-	38	-	-	-	76
Inglaterra. . . . .	693.158	-	-	-	-	-	-	693.158
Itália. . . . .	5.947	-	-	74.592	-	-	-	80.539
Irlanda. . . . .	49.400	-	-	-	-	-	-	49.400
Macau. . . . .	5.700	-	-	-	-	-	-	5.700
México. . . . .	6.275	-	-	-	-	-	-	6.275
Moçambique. . . . .	18.888	-	57	722	54	-	76	19.797
Palestina. . . . .	30.400	-	-	-	-	-	-	30.400
Perú. . . . .	1.900	-	-	-	-	-	-	1.900
S. Tomé e Príncipe. . . . .	596	-	-	76	-	-	-	672
Síria. . . . .	4.750	-	-	-	570	-	-	5.320
Suíça. . . . .	95.248	-	-	2.784	2.022	-	-	100.054
Territ. E. U. A. na América C. e Sul	11.375	-	-	925	238	2.425	-	14.963
União Sul Africana	4.515	-	-	-	559	-	-	5.074
Venezuela. . . . .	7.600	-	-	10.075	1.098	185	4.255 <sup>(b)</sup>	23.213
Fornec. à Navega- ção. . . . .	1.691	-	133	285	9	-	-	2.118
Quilos . . . . . <i>Kilos</i>	2.343.511	-	299	130.526	153.708	8.019	47.748	2.683.811
Caixas . . . . . <i>Cases</i>	123.477	-	17	4.593	14.798	473	1.370	144.728
Valores. . . . . <i>Values</i>	26.950.376\$50	-	4.126\$20	2.127.573\$80	3.074.160\$00	59.741\$55	355.722\$60	32.571.700\$65

(a) Amêijoas, Berbigão  
(b) Antepasto

# Pesca e Conservas no Sul de Angola

O litoral de Angola, do Lobito para o Sul, é excepcionalmente rico em peixe.

Encontram-se ali as espécies mais diversas desde a pequena sardinha até ao atum albacora de grandes dimensões.

A abundância de peixe naquelas paragens, principalmente da baía dos Tigres a Porto Alexandre, atinge tal amplitude que se diz, embora com evidente exagero, que o mar do Sul de Angola é uma mistura de peixe e de água em partes iguais...

Essa excepcional riqueza piscatória conjugada com a pobreza do solo litoral, constituído em grande parte por extensos areais, fez com que a colonização dessa zona se baseasse principalmente na utilização do mar.

Nem sempre, porém, a despeito da riqueza da fauna oceânica, essa colonização se pôde considerar próspera. Uma vez a desorientação e ignorância dos colonos, outras a falta de protecção das entidades dirigentes, outras ainda a flutuação dos mercados externos, originando crises dificilmente debeladas, chegaram a pôr em sérios riscos a continuidade daquela forma de exploração industrial.

Hoje, felizmente, o bom senso e o tacto comercial expulsaram velhos métodos e a situação, nesse campo, pode considerar-se suficientemente consolidada.

Os principais centros de actividade piscatória situam-se em Moçâmedes, Porto Alexandre, Baía dos Tigres e Baía dos Elefantes. Contudo outros pontos existem onde meia dúzia de europeus, secundados por três ou quatro dúzias de indígenas, arrancam ao mar o sustento diário e ainda uma contribuição apreciável para o pé de meia.

Um desses centros subalternos de actividade, encontra-se nas Luciras, tríplice baía recortada, abrigadíssima, circundada por altos cerros escavados.

A riqueza marítima. Paisagens.  
Mais pescadores. Um pouco  
de estatística

As Luciras! Parece que ainda estamos contemplando a sua paisagem tão característica. Que estupendo abrigo o do recôncavo a que, por brincadeira, chamávamos a doca do submarino, rasgo profundo de paredes abruptas lembrando o perfil de uma doca de reparações navais, a que se tivesse retirado a porta-batel. Bem boas braças corria a linha antes do prumo de chumbo tocar o fundo arenoso.

A direita, em áspera penedia que dominava a pique as águas transparentes, as duas grutas redondas, unidas, lembrando as narinas de um Titan, tão justa e humoristicamente conhecidas pelas «Ventas do Chico Franco»... Ignoramos de onde vem esse patusco nome, mas a imaginação sugere tratar-se de algum indígena influente na região, com o nome europeu, dotado de apêndice nasal anormalmente aberto. E era belo contemplar o mar penetrando nas ventas do «Chico», a lavá-las com energia, a ressaca repuxando escuma em todas as direcções, quando a calema vinda do largo, carregava sobre a costa, lembrando esquadrões imponentes mas pouco apressados, em manobras mais teatrais do que belicosas.

Quando porém o Oceano resolvia deixar de ser leão para se converter em pacífica tartaruga, valia a pena ir de gasolina fazer uma visita às grutas características.

A água, dumia transferência cristalina, deixava ver as rochas do fundo, cobertas de vagabundos crustáceos e de belas anémonas.

Apetecia mesmo saltar do barco,

imerso e ir contemplar de perto as maravilhas. Mas o bom senso fazia olhar, com suspeita, as fendas azuis escuras das rochas submersas que podiam bem ocultar primos, sobrinhos ou parentes mais afastados, daquele antipático polvo que Victor Hugo tão bem nos pintou nos seus «Homens do Mar».

Pois ali, nas Luciras, fomos um dia encontrar, em quase robinsoniano isolamento, um branco de meia idade acompanhado de duas dúzias de «sextas feiras» fuscas.

Todos os dias, umas vezes de madrugada, outras vezes à noite, saía para o mar numa grande lancha de madeira, impelida por musculosos remadores de pele de ébano e elegantemente vestidos de serapilheira...

E a albacora, a garoupa, o pargo, não faltavam no regresso a encherem o barco até à borda.

Um pouco mais para o norte, na Baía dos Elefantes, as instalações de pesca, embora rudimentares, eram mais importantes.

Curiosa aquela baía de profundo e vasto recorte, bem redonda, rodeada também de montes escavados.

Nessas encostas inclinadas acostumaram-se as tripulações dos navios de guerra a deixarem os nomes dos seus barcos desenhados com grandes pedras caiadas.

E é interessante contemplar do largo as enormes letras brancas, sobressaindo do fundo escuro daquela terra adusta: «Carvalho Araújo», «Milford», «G. Velho», «Quanza», e tantos outros de várias nacionalidades a atestarem o amor do marujo pelo navio, porque não é tarefa agradável carregar pedras, em inclinadas vertentes e desenhar com elas, letras de três metros e mais, sob um sol abrasador, sem uma árvore raquítica a conceder precário abrigo.

Os aparelhos de pesca empregados no Sul de Angola são dos mais variados. Ali trabalham as redes de arrasto, os cercos americanos, as

sacadas, as armações à Valenciana, as tarrafas, as linhas de pesca.

O número de pescadores brancos, distribuídos pelos recortes favoráveis da costa, anda à volta dos dois mil e os indígenas que trabalham sob a sua orientação excedem francamente os dez milhares.

E o caso é que toda esta gente dispõe de um número já importante de embarcações.

Os registos das Capitánias dos portos acusam um total de 2.857 barcos de todos os tipos e tonelagens, desde a bimba — tosca jangada indígena — à traineira do branco, tripulada pela dúzia ou dúzias de negros, passando pelo escaler e pelo palhabote.

E a enchente continua, progressiva.

Recentemente, o Senhor Ministro das Colónias autorizou que, pelo Fundo de Colonização, fossem pagos os transportes de barcos de pesca da Metrópole para as Colónias.

O resultado não se fez esperar. Poceiros, algarvios, pequenos industriais de pesca já instalados em Angola, apresentaram os seus requerimentos, e as suas embarcações — traineiras a motor e escaleres à vela — lá têm seguido nos navios das Companhias de Navegação, a caminho de Angola e Moçambique por conta do Ministério das Colónias. E para a protecção ser completa as companhias têm também ido com passagens pagas pelo Estado, acompanhando as suas embarcações.

Ora toda esta gente pescava — e pesca — durante o ano vários milhares de toneladas de peixe.

Como era porém impossível o consumo de todo o pescado no estado fresco, atendendo ao reduzido número de consumidores nos centros piscatórios propriamente ditos e à falta de instalações frigoríficas, para armazenagem e transporte, tornou-se necessário ir para outras modalidades de consumo. A indústria das conservas nasceu pois, como uma consequência natural, da abundância do peixe.

Começou-se, obviamente, pelo processo mais simples e rudimentar —

a seca e a salga. Passou-se depois para a indústria das conservas enlatadas. E quando a crise provocada em parte pela perda do mercado italiano fez aguçar o engenho, enveredou-se pelo caminho da farinação do peixe e da fabricação do óleo e do guano. E em tão boa hora se enveredou que, em 1945, as estatísticas davam como existentes 8 fábricas de conservas, 34 fábricas de farinação de peixe, 36 fábricas de óleo, 139 instalações de salga e 28 fábricas de guano.

Os produtos desta já notável actividade são em grande parte exportados para Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Congo Belga, África Equatorial Francesa e para a Metrópole. Além da navegação de longo curso, estão ao serviço do transporte destes produtos numerosos lugares, motorizados ou não, alguns com capacidade para 150 toneladas que correm a costa de Angola, do Cunene ao Zaire.

Mas não se pense que todo o peixe salgado ou em conserva é exportado. Não; o indígena do interior habituou-se inteiramente ao consumo do peixe seco e assim o tráfego terrestre em caminhos de ferro e camionagens tem bastante que fazer com o transporte das *malas* de peixe seco às quais em melhor português mais conviria chamar fardos.

Quantas vezes vimos os pretos,

sertão dentro, acocorados gravemente em volta das palhotas, metendo as mãos nas escudelas de pau, ou nas enfumaçadas e velhas latas, retirando-as cheias de papa de milho e acompanhando o pitêu com as febras do acastanhado peixe pescado a centenas de quilómetros...

A prosperidade desta indústria é amplamente comprovada pelos seguintes números referentes às exportações de 1946: conservas de peixe, 2.341 toneladas no valor de 24.395 contos; farinhas de peixe, 7.429 toneladas vendidas por 7.615 contos; peixe seco, 10.174 toneladas na importância de 30.678 contos.

Destas exportações a Metrópole, só por si, consumiu 566 toneladas de atum em salmoura e 1.111 toneladas de atum e similares em azeite; o Congo Belga adquiriu 6.228 toneladas de peixe seco; a União Sul Africana importou 7.267 toneladas de farinha de peixe. A África Equatorial Francesa, S. Tomé e Príncipe e Moçambique, mostraram ser também óptimos clientes — adquirindo, respectivamente 1.872, 1.047 e 1.022 toneladas de peixe seco, não falando numa quantas dezenas de toneladas de conservas em azeite.

Tal é a contribuição do mar para a economia de Angola.

FREDERICO CRUZ

*Capitão-tenente*

## Pedidos de Representação

- Organizzazione Importazione Esportazione  
Via Gramsci, 21-4 — Genova
- L. Montoursi  
22, Chichele Road — London,  
N. W. 2
- B. Spiliadis & C.<sup>o</sup>, Inc.  
160-162 Franklin Street — New  
York
- Pedragés & Comp.<sup>a</sup> Sucs.  
Apartado Portal 9031 — México,  
D. F.
- Theodor Voss  
Mönkedam 8 I — Hamburg 11
- Lenschan & Rendtorff

- Kaiser Friedrich Ufer. 17 II —  
Hamburg 20
- Herman Glaser  
Rosebank, Joannesburg — South  
Africa
- Transcontinental, S. A.  
Goya, 54 — Madrid
- Reinard Strelow  
Böhmersweg 9, Hamburg 13
- Link Agency Co.  
43 Hardware Str. — Melbourne  
C 1 (Austrália)
- Frederico C. Huber & Cia. Lda.  
Apartado aéreo 97 — Cali-Colômbia-S. A.

FÁBRICAS DE CONSERVAS E SALAZONES

# PINHAIS & C.<sup>A</sup>, LIMITADA

AVENIDA MENERES, 700  
MATOSINHOS

TELEG.: CONSERVAS  
TELEFONE: 42-M

## CONSERVAS

### DE:

Atum  
Sardinhas  
Cavalas  
Chicharro  
Anchovas  
Pastas  
de Peixe  
Mariscos



## MARCAS

### REGISTADAS:

PINHAIS  
MASCATO  
RIOS  
SAILOR  
SEMPER -  
IDEM  
EDUSA  
YO  
CIBELES  
MARINHEIRO

SARDINHAS EM MOLHOS, PENSADAS E EM SALMOURA

REPORT OF THE COMMISSIONER OF THE GENERAL LAND OFFICE

# NATIONAL LANDS CLAIMS

IN THE STATE OF CALIFORNIA

FOR THE YEAR 1880

AND FOR THE YEAR 1881

AND FOR THE YEAR 1882

AND FOR THE YEAR 1883

AND FOR THE YEAR 1884

AND FOR THE YEAR 1885

AND FOR THE YEAR 1886

AND FOR THE YEAR 1887

AND FOR THE YEAR 1888

AND FOR THE YEAR 1889

AND FOR THE YEAR 1890

AND FOR THE YEAR 1891

AND FOR THE YEAR 1892

AND FOR THE YEAR 1893

AND FOR THE YEAR 1894

AND FOR THE YEAR 1895

AND FOR THE YEAR 1896

AND FOR THE YEAR 1897

AND FOR THE YEAR 1898

AND FOR THE YEAR 1899

AND FOR THE YEAR 1900

AND FOR THE YEAR 1901

AND FOR THE YEAR 1902

AND FOR THE YEAR 1903

AND FOR THE YEAR 1904

AND FOR THE YEAR 1905



# Economia e Finanças

## Os nossos meios de pagamento ao estrangeiro e as reservas do Banco de Portugal

Conforme se pode ler no artigo que publicámos no n.º 14 desta revista, prevíamos há um ano, pelas observações dos incrementos que vinham tomando, desde 1944, a tonelagem e o valor das nossas importações, que o *deficit* da balança comercial do País em pouco tempo ascenderia aos 4 milhões de contos.

Ora, este número já foi até excedido. No *addendum* que o deputado Sr. engenheiro Araújo Correia juntou ao parecer sobre a Conta Geral do Estado de 1946, discutido na Assembleia Nacional, registou-se, para o nosso comércio especial de 1947, um saldo negativo de 4.941.424 contos, em resultado da correção a que submeteu os valores provisórios da importação e da exportação, que o Boletim da Estatística de Dezembro findo inseria.

O desequilíbrio agravou-se, em relação ao *deficit* anterior, em nada menos de 2.668.456 contos, concorrendo, em grande parte, para isso — aponta aquele distinto economista — o acréscimo de 712.363 contos na importação de substâncias alimentícias.

Contudo, não é tanto a ultrapassagem do número que esperávamos, em quase um milhão de contos, que torna séria a situação do nosso comércio externo. É mais, a nosso ver, o decréscimo que se está verificando na tonelagem da exportação, em comparação com a de 1938 — decréscimo que é acompanhado, depois que a guerra acabou, da queda do seu valor médio, enquanto, por outro lado, sobe sensivelmente o preço da tonelada importada, como tudo se prova pelos números que seguem:

### Exportação

Anos	Milhares de toneladas	Milhares de contos	Valor médio da tonelada (Escudos)
1938	1.540	1.158	-
1944	474	3.166	-
1945	673	3.237	4.810
1946	1.176	4.587	3.900
1947	1.107	4.244	3.834

### Importação

Anos	Milhares de toneladas	Milhares de contos	Valor médio da tonelada (Escudos)
1945	1.748	4.056	2.320
1946	2.488	6.860	2.757
1947	2.451 *	7.608 *	3.104 *

\* Estes números estão sujeitos a correção a publicar pelo Instituto Nacional de Estatística.

A concomitância destes factos, a par com a inconvertibilidade do estéril em dolares, determinada em 21 de Agosto de 1947 pelo Governo britânico, começa a ter reflexos perigosos nas disponibilidades em moeda estrangeira, em poder do Banco de Portugal, e na composição das reservas da circulação fiduciária.

Mas o Governo da Nação tomou já medidas, não só para restringir o emprego das cambiais às importações absolutamente necessárias ao abastecimento da população e à reorganização e apetrechamento da nossa indústria, mas também para evitar que especuladores ávidos de lucros as utilizem em negócios de reexportação, em contra-partida dos

quais o País poderia receber apenas moedas fracas, sem nenhum interesse quer para a liquidação do nosso comércio internacional, quer para a constituição de reservas e outras garantias do Escudo. Que tal *jogo* se operava já, desbaratando-se, assim, divisas fortes sem proveito para a economia nacional, parece não haver dúvida, em face da circular que, em 27 de Agosto do ano passado, o Banco de Portugal enviou aos estabelecimentos bancários com instruções «para não efectuarem vendas de dólares quando estes não respeitem exclusivamente ao pagamento de importações de mercadorias do continente americano para consumo na zona monetária portuguesa, sem que o Banco de Portugal seja devidamente informado da natureza de cada operação e tenha verificado que os escudos a aplicar à liquidação das operações resultam do pagamento de mercadorias importadas na área monetária portuguesa».

Há que conquistar ainda, pela negociação de acordos comerciais, novos mercados para os nossos principais produtos de exportação ou conseguir uma colocação de maiores contingentes. Só com esta política económica, tenazmente seguida, se poderá esperar a melhoria de posição do nosso comércio externo.

Em virtude de a balança de pagamentos de Portugal apresentar já em 30 de Novembro de 1947, um saldo desfavorável de 2.970 milhares de contos (Relatório do B. P., pág. 28), para o que contribuiu largamente o estado bastante deficitário da balança comercial, teve o nosso Banco emissor, a fim de se poderem liquidar os débitos ao estrangeiro, de fornecer valores das suas reservas e disponibilidades às entidades devedoras. Isso se demonstra pela redução que tiveram, do balanço de 1946 para o balanço de 1947, os saldos das contas respectivas: (Ver mapa na pág. seguinte).

O Estado adquiriu — lê-se no citado relatório — 10 milhões de dólares e seis milhões de francos suíços.



(Em milhares de contos)

	No fim de :		Diferenças para menos
	1946	1947	
Ouro em barra e amoeado . . .	6.041	4.718	1.323
Disponibilidades em moeda estrangeira . . . . .	4.920	4.503	417
Diversas disponibilidades em ouro e em moeda estrangeira . . . .	7.745	6.654	1.089
	18.704	15.875	2.829

Os estabelecimentos bancários e diversos, pela sua parte, utilizaram 95,6 milhões de dólares e 36,5 milhões de francos suíços.

Aos câmbios médios, perfaz tudo cerca de 2.888.200 contos. Porém, como esta verba se compenhou em 600 mil libras, equivalentes a 60.000 contos — diferença entre 16,2 milhões de libras que o Banco comprou e 15,6 milhões que vendeu — o valor dos meios de pagamento ao estrangeiro consumidos no ano de 1947 reduziu-se, assim, quase aos 2.829 milhares de contos apurados.

Os saldos das duas únicas contas do balanço em que se incluem as disponibilidades em moeda estrangeira acusam, no entanto, uma diminuição apenas de 1.506 milhares de contos. Tem de se concluir, desta forma, que o instituto emissor, para se recompor daquele enorme consumo, adquiriu no estrangeiro disponibilidades em moedas fortes no valor de 1.323 milhares de contos, e, para isso, desfez-se de uma quantidade de ouro-metal nessa equivalência, como o denota o estado da conta *Ouro em barra e amoeado*, em 31 de Dezembro de 1947.

Até que limite pode o Banco de Portugal promover a venda do ouro em espécies, sem que seja afectada a percentagem mínima legal de 25 por cento sobre a soma das notas em circulação e das responsabilida-

des-escudos à vista, que ele tem de manter de reserva?

Este assunto, de grande interesse para a solidez da nossa moeda, merece um estudo muito detido.

Sabe-se, no entanto, que, no fim de 1946, o valor mínimo da reserva de ouro-metal que o Banco podia possuir era de 4.938.480 contos. Disponha de ouro (sem contar com o que se representa na conta *Diversas disponibilidades em ouro e em moeda estrangeira* — a que em breve nos referimos) no valor de 6.041.124 contos. A margem de disponibilidade era, pois, de 1.102.644 contos. Em 31 de Dezembro de 1947, a reserva mínima dos 25 por cento em ouro-metal podia ser de 4.227.906, contos mas a existência valia 4.717.861 contos; logo, a margem passou para 489.955 contos.

Não é, de facto, muito grande a quantidade de ouro de que o Banco emissor pode lançar mão imediatamente, em caso de emergência.

Esta situação, porém, não deve causar apreensões. Primeiro, porque o controle severo que se está fazendo à aplicação das cambiais há de reconduzir rapidamente a balança de pagamentos ao seu ponto de equilíbrio. Segundo, porque a diminuição que se fôr dando nas responsabilidades-escudos à vista, sem que acresça a circulação fiduciária, fará avultar cada vez mais a margem dis-

ponível de ouro, além dos 25 por cento. E terceiro, porque o Banco emissor tem ainda um crédito em ouro sobre o Banco de Inglaterra, calculado, no fim de 1947, em cerca de 66 milhões de libras, podendo, portanto, o nosso Governo contratar com aquele País a livre disposição do valor que se tornar necessário para a liquidação das nossas contas com o estrangeiro.

António Essel

## Acordo Comercial Luso-Francês

Foi assinado entre Portugal e a França um acordo comercial que tem a duração de um ano e é aplicável tanto aos territórios metropolitanos como aos territórios da União Francesa e do Império Português. O total das trocas representa um valor aproximadamente de 14 biliões de francos. Portugal exportará, principalmente, piritas, cortiça, vinho, conservas e produtos oleaginosos, e receberá da França fosfatos, produtos siderúrgicos, automóveis, camiões, máquinas, produtos químicos e farmacêuticos, assim como numerosos outros produtos que interessam à indústria francesa em geral.

Este acordo vem abrir novas perspectivas animadoras para a nossa exportação de conservas de peixe e renovar as relações tradicionais entre a nossa indústria e o seu consumidor predilecto — o povo francês.

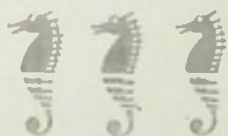
Apesar de uma longa ausência de alguns anos, o consumidor francês ainda não esqueceu as deliciosas sardinhas portuguesas, que ele preferia, e deve regosijar-se, como nós, desta oportunidade, que todos esperam seja duradoura, de as poder saborear de novo.

**ALIANÇA  
EXPORTADORA**  
LDA  
LISBOA-PORTUGAL

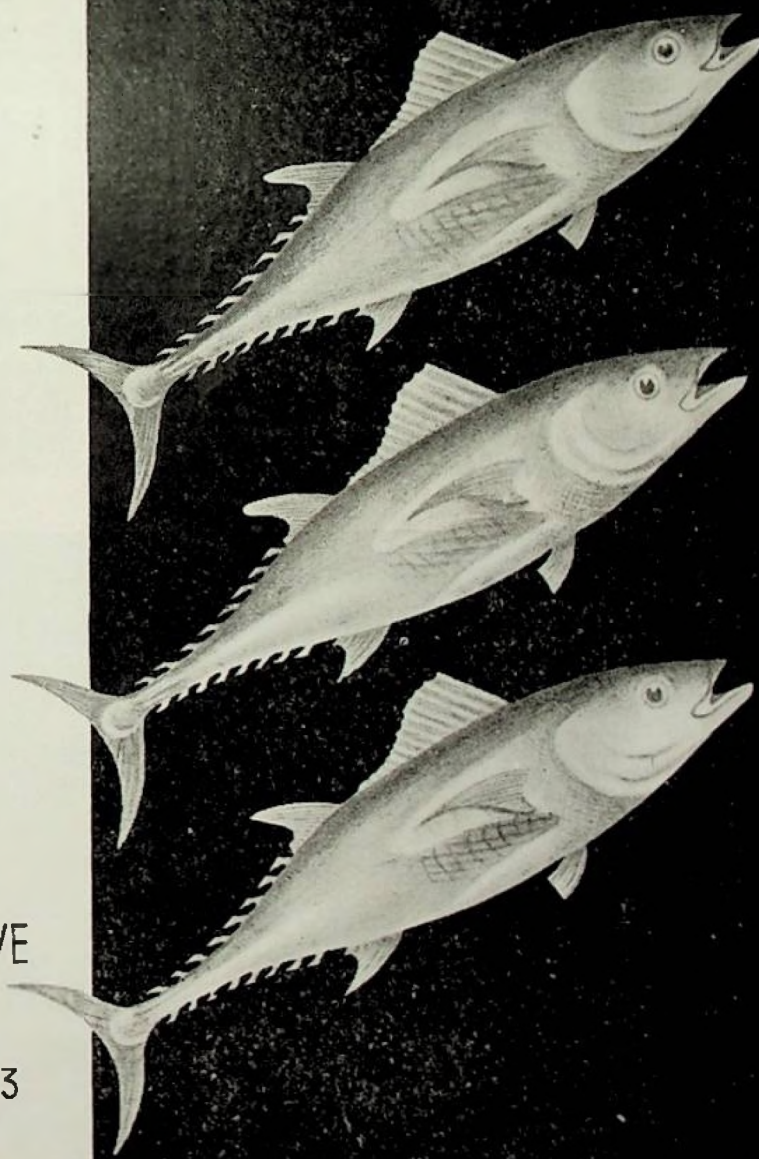


**PORTUGUESE  
CANNED FISH**

**SARDINES  
TUNA FISH  
ANCHOVIES  
MACKERELS**



U.S. EXCLUSIVE REPRESENTATIVE  
**H.ORMAI**  
100, HUDSON STREET NEW-YORK, 13



CAZ

Depois do estudo feito pessoalmente no mercado norte-americano pelo Director do I. P. C. P., o comandante Daniel Duarte Silva, coadjuvado pelo Chefe dos Serviços Comerciais deste Organismo, Dr. Francisco Guerra, foi reconhecida a necessidade de se dar inicio à propaganda das nossas conservas de sardinha, como a solução mais indicada para resolver o problema da sua expansão naquele mercado.

Os americanos atribuem no seu país um poder quase milagroso à propaganda, e têm, de facto, razão, quando verificamos os êxitos estrondosos obtidos por muitos dos produtos que a utilizam.

Para o caso das sardinhas portuguesas não precisamos, verdadeiramente, dum acto miraculoso, mas duma simples correcção nas anomalias, algumas já muito antigas, que criaram raízes naquele mercado em redor das nossas conservas, nas quais elas se emaranham sem poderem progredir.

Uma destas anomalias e, certamente, uma das mais importantes, está no elevado preço por que as conservas de sardinha portuguesa se vendem nas lojas, ao consumidor, a que «O Século» ainda há dias fazia referência num telegrama enviado de New Bedford, cidade americana de grande população portuguesa, em que se criticava o facto de uma lata de sardinha custar 45 cts.

## A PROPAGANDA SARDINHAS NOS

Pondo de parte a comparação que nesse telegrama se faz entre o preço das conservas de sardinha e o do brisling norueguês e do pilchard californiano, espécies que nenhuma comparação podem ter com a sardinha e com os seus fabricos de especialidade, fica de pé, por ser verdadeira, a afirmação de que o preço de venda das sardinhas portuguesas ao público — é elevado.

Mas — é preciso que se saiba — a carestia das sardinhas portuguesas, a retalho, no mercado americano, provém do sistema defeituoso da sua distribuição feita pelos órgãos respectivos, sobretudo pelo retalhista, e não do seu exagerado preço na origem.

Senão, vejamos.

Na base do preço fixado pelo I. P. C. P. uma caixa de 1/4 22 m/m, sardinhas sem pele e sem espinha, custa ao importador, já despachada, \$23,94. Vendendo o rela-

### Almôço de homenagem oferecido em New-York ao Comandante Daniel Duarte Silva, Direct

Da esquerda para a direita: *Robert B. Adelman; Fred E. Davidson* (Norport Trading Corporation); *A. Abbecassis* (Vierhaus & Bros.); *Richard Franco; Frank Fumento* (Albert N. Cory); *Sam Oring* (Vita Food Products); *Theodore Von Oehsen* (Victor M. Antonio Chambel); *Arthur Lang* (Bjelland Lang); *Gil Sonte* (Director da Casa de Portugal); *Victor M. Calderon; Capt. Daniel Yazer* (Martel Food Products); *Lester Nordlinger* (Steinhardter & Nordlinger); *José M. Calderon; Lewis E. Nordlinger* (Steinha Clifford Smith (Frazer and Co.); *Mr. Bell* (Meyer & Lange); *W. A. Erbék* (R. U. Delapenna); *H. C. Erlich* (Schwartz & Erlich); (Vierhaus & Abbec



# DAS NOSSAS ESTADOS UNIDOS

lhistra ao balcão na base de \$45 cada caixa (45 cts. cada lata), como no telegrama citado se diz e sabemos que é assim, há uma diferença entre os dois preços, o de importação e o de consumo, de 87 %, que é exageradíssima!

Sabe-se, também, que em virtude das más condições em que se encontra presentemente o mercado americano, o importador está vendendo aquelas nossas conservas com prejuízo ou com um lucro ínfimo; que o lucro do grossista é, igualmente, diminuto, e que o retalhista, ao preço de 45 cts. por lata, cobra mais de 65 %!

Aqui, portanto, é que está o mal.

O retalhista, partindo para os seus cálculos de preço do princípio que as sardinhas portuguesas só se vendem lentamente, sobrecarrega-as com pesados juros de mora que elevam extraordinariamente o seu preço.

E criou-se então este circulo vicioso: o retalhista au-

menta o preço porque as sardinhas demoram muito a vender, e o consumidor não as compra porque são caras!

A desorganização do aparelho distribuidor torna difícil a expansão das nossas conservas, porque nem encoraja o importador a activar a sua compra, nem incita o consumidor a adquiri-las.

É esta uma das maiores anomalias que a propaganda poderá eliminar, forçando o retalhista, sob a pressão da clientela sugestionada por ela, a baixar o preço das conservas portuguesas para vender mais. Nessa altura, o retalhista passará então a calcular o seu lucro em relação à quantidade e não em função do tempo.

Sempre que, nos E. U. A., as nossas conservas de sardinha atingem um preço acessível à grande massa consumidora, a sua venda aumenta. Este é portanto um ponto delicado que requiere toda a atenção e estudo dos interessados.

A psicose da baixa que hoje domina o povo americano obriga-nos a ter a maior cautela na orientação da política dos preços, para nos não arriscarmos a perder as posições conquistadas.

A propaganda poderá fazer muitos milagres, mas dificilmente conseguirá neste momento que o consumidor compre em larga escala um artigo que acha caro e que não é de primeira necessidade.

## do I. P. C. P., pelos principais importadores e agentes das conservas de peixe portuguesas

Abbreccissis); Jack P. Jacobs (Brewster Trading Corporation); Celestino Arias (Strohmeyer & Arpe Co.); Otto Stern Schroeder Calderon Co. Inc.); Mr. Schwier (Newman & Schwiers); Joseph E. Jawitz (Krasdale Foods); Henry Andreini (Schroeder Bros.); Duarte Silva; E. H. Jacobsohn (M. J. & H. J. Meyer); Dr. Francisco J. Guerra; Walter A. Benz (Strohmeyer & Arpe); Bernard Adter & Nordlinger); Martin Reilly (Seeman Bros.); A. E. Rillwagen; Miss Helen Ormai, Morton J. Nesnow (Bien Trading); Leopold Schwartz (Schwarz & Erlich); Otto Fenyó (Albert N. Cory); Bernd E. Hirtz (Victor M. Calderon); Mr. Vierhaus assis); De Will Reed





# F. NÓBREGA DE LIMA, L.<sup>DA</sup>

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS DE:

*Matérias primas para a Indústria, Maquinaria e Motores*

E. W. BLISS & Co.

Prensas, Instalações completas  
para o fabrico de vazios, etc.

FAIRBANKS, MORSE & C<sup>o</sup>. INC.

Motores Diesel marítimos, Ge-  
radores, Balanças automáticas  
de todos os tipos, etc.

PALLARÉS HERMANOS S. A.

Azeites de Oliveira

REPUBLIC STEEL CORPORA-  
TION

Folha de Flandres, arame, etc.

SIGNODE STEEL STRAPPING

Arco de ferro para embalagens,  
etc.

SEDE

LONDRES

115 Park Street Lon-  
don, W.1

Teleg. Julima London  
Telef. MAYFAIR 3391

Av. 24 de Julho, 1,  
2.º Dt.º

Teleg. Julima — Lisboa  
Telef. 22192/3  
LISBOA

PORTO

R. Sá da Bandeira,  
562, 3.º

Teleg. Julima — Porto

# A ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO

## V

Administrar é prever, organizar, comandar, coordenar e controlar».

*Fayol*

Na tentativa de análise de definição de Fayol, já no escrito anterior tratámos da previsão. Falemos agora da organização.

«Organizar uma empresa — diz Fayol — é munir-la de tudo o que é necessário ao seu funcionamento, materiais, ferramental, capitais, pessoal». Poderemos, no entanto acrescentar que da organização também faz parte a divisão das tarefas entre os órgãos da empresa e a regulamentação do seu funcionamento.

Ora, a expressão «tudo o que é necessário ao seu funcionamento» envolve uma ideia vaga que, posta desta maneira, poderia levar-nos a pensar que basta acumular com maior ou menor prodigalidade esses elementos e fazê-los funcionar de forma atrabiliária ou empírica para se obterem os melhores resultados da «organização».

No doseamento exacto é que reside, porém, um dos maiores méritos da organização.

A determinação feita por Fayol da proporção das capacidades (administrativa e técnica) requeridas nos vários graus da hierarquia do trabalho é um índice da necessidade do doseamento dos elementos constitutivos duma boa administração. Assim é que, partindo embora dos objectivos primários da empresa e dum número restricto de operações elementares, não podemos deixar de considerar desde logo determinadas leis e regulamentos que subordinem o desenvolvimento da actividade no ritmo e certeza indispensáveis. Além dos materiais, ferramental, capitais e pessoal, torna-se necessário o espírito de organização que promova a sequência requerida e adequada das operações elementares, que pou-

pe o tempo, os capitais e o esforço individual, que vele pela segurança no trabalho e pela saúde e bem-estar do pessoal, etc.

De pouco valerá dispor-se de bons materiais se forem applicados erradamente em consequência de falta de ligação oportuna nas diversas operações; de ferramentas e máquinas aperfeiçoadíssimas se a deficiente organização não obrigar o trabalhador a aproveitá-los tão inteiramente quanto possível e da maneira mais produtiva e menos esforçada; de capitais avultados, se, por erros e deficiências da organização, não se lhes imprimir o movimento ritmado e oportuno. E, quanto ao pessoal, pode cada um dos trabalhadores ser mestre na sua profissão que nos será inteiramente impossível obter dele o rendimento óptimo se não lhe proporcionamos as regras pensadas, as instruções precisas e os meios materiais e morais indicados para o desenvolvimento satisfatório da sua actividade.

Em que consiste, pois, a organização?

1.º) Em escolher os materiais de maiores rendimento, valor ou aperfeiçoamento intrínseco, adequada aplicação, fácil manuseamento, menos nocividade à saúde dos trabalhadores e dos consumidores, maior regularidade de apresentação, maior utilidade.

2.º) Em adoptar os maquinismos e ferramentas mais modernas, renováveis periodicamente mesmo quando não esgotado todo o seu rendimento potencial, e que esse apetrechamento proporcione facilidade no trabalho para que, por meio da conjugação dos esforços do homem e da máquina, se obtenham um rendimento ideal e uma compensação por igual dividida entre o capital e o trabalho.

3.º) Em aplicar na empresa o capital adequado (nem de mais nem de menos) à facilidade do desenvol-

vimento da actividade quer dos dirigentes quer dos trabalhadores e também para que desse capital se possa tirar o rendimento desejado e socialmente útil.

4.º) Em destinar cada tarefa ao homem indicado para a desempenhar, preencher todo o tempo por ele applicado ao trabalho em operações úteis ao objectivo que se pretende atingir, dando-lhe a compensação justa e cuidando do seu bem-estar.



Fayol, ao falar-nos da necessidade de comando, diz-nos que o chefe deve:

- 1.º — Ter conhecimento profundo do seu pessoal;
- 2.º — Eliminar os incapazes;
- 3.º — Conhecer bem as convenções que ligam a empresa e os seus colaboradores;
- 4.º — Dar o bom exemplo;
- 5.º — Fazer inspecções periódicas do corpo social; ajudar-se nessas inspecções com quadros sinópticos;
- 6.º — Reunir os principais colaboradores em conferências onde se preparem a unidade de direcção e a convergência de esforços;
- 7.º — Não se deixar absorver pelos pormenores;
- 8.º — Esforçar-se por que o pessoal seja activo, com iniciativa e devotado.

Estas regras são por demais simples de apreender para que nos demorem na sua análise. No entanto, importa considerar que, apesar de certos preceitos acima indicados como deveres dos chefes poderem oferecer dificuldades na prática, isso não obsta a que todos os chefes nos vários graus da hierarquia procurem proceder de harmonia com aqueles princípios. A única limitação é a que resulta da maior ou menor capa-

cidade administrativa requerida em cada um dos graus hierárquicos como vimos em escritos anteriores.

A «arte de manejar os homens», assim define Fayol o comando, a chefia; na habilidade que os dirigentes possuam para conduzir os seus colaboradores reside grande parte do êxito da empresa e essa habilidade revela-se na justiça com que apreciem o esforço alheio, na equidade e bonomia com que procurem solucionar os pequenos conflitos decorrentes das relações mútuas dos colaboradores, na determinação das atribuições e no encorajamento das iniciativas, na formação dum bom ambiente moral e disciplinar, na atenção dispensada aos problemas do salário, não cuidada quanto a prestada aos negócios.

O problema permite largas considerações e bom é que não olvidemos um tão importante sector da actividade de quem tem a seu cargo a pesada tarefa de dirigir. Ficará, porém, para outra ocasião.



A coordenação consiste em «harmonizar todos os actos da empresa de maneira a facilitar-lhe o funcionamento e o êxito». É, no conjunto e em cada função, dar-lhes as proporções adequadas ao fim que se pretende atingir; numa operação — técnica, comercial ou administrativa — medir as suas consequências e reflexos nas funções da empresa; no campo financeiro, proporcionar as despesas aos recursos financeiros, os «stocks» às necessidades de fabricação ou venda, materiais ao consumo, as vendas à produção, etc.

É, ainda muito mais, porém sintetizando: que cada serviço caminhe de acordo com os outros, cada divisão, cada secção dum serviço saiba a parte que lhe cabe na tarefa comum; que, enfim, o programa geral esteja sempre actualizado em todos os pormenores.

Resta-nos falar do último elemento da definição de Fayol: o controle.

A verificação integral de todos os actos e de todas as coisas é indispensável para uma boa administra-

ção. Por seu intermédio, além de se evitarem os prejuizos resultantes dos erros ou do desinteresse, mantém-se o ritmo da actividade, imprime-se-lhe continuidade e firmeza e abrandam-se, pela automatização, o esforço do indivíduo.

Na actividade técnica, a verificação examina as operações, os resultados, a regularidade, o funcionamento das máquinas, a perfeição dos materiais, etc. Os serviços comerciais beneficiam do controle, pelo exame da cadência das entradas e saídas das matérias primas e dos produtos, apreciando as quantidades, as qualidades, os preços.

As finanças da empresa serão dia a dia examinadas de modo a evitarem-se surpresas e, não falando dos pormenores ligados à segurança dos haveres, ainda na contabilidade, o controle tem um efectivo merecimento pela análise de todas as suas operações da situação económica da empresa.

Tal como o entendeu Fayol, «o controle tem por fim assinalar os lapsos e os erros a fim de que possam ser reparados, evitando a repetição». É principalmente com este último fim que ele se deve exercer, de modo a proporcionar à empresa todas as possibilidades de progredir. Não esqueçamos, no entanto, que esta última operação do conjunto das actividades da boa administração é como que o corolário das antecedentes e delas decorre, portanto. Por outras palavras, não poderá exercer-se um eficiente controle desde que a verificação dos factos e documentos não seja feita de maneira precisa e por comparação. De resto, a própria etimologia da palavra define que o controle («contre role») implica a comparação entre os resultados e as determinações.



E chegámos ao final do nosso estudo, sucinto como não podia deixar de ser para não fatigar, sobre os princípios informadores da organização científica do trabalho, estudo em que incluímos largas referências às teorias dos dois principais pre-

cursores. A eles se deve o estabelecimento de algumas das regras e leis que imprimiram carácter científico à organização do trabalho. Essas regras e leis basearam-se não só em teorias filosóficas anteriores, como, por exemplo, as de Descartes, mas também na experimentação.

É, porque da aplicação dessas leis e regras muito de útil resulta para o progresso das actividades económicas e para a melhoria da situação social e bem-estar dos trabalhadores, seria insensato que não as utilizássemos em proveito e na dignificação do trabalho humano.

J. R. DA GRAÇA MIRA

## Conservas de Peixe

CORRESPONDENTE

Colocado em Matosinhos, oferece-se para Setúbal ou Algarve. Conhecendo os serviços de exportação, tem facilidade de organizar uma activa rede de agentes, no Estrangeiro. Redige, com correcção, em português, espanhol, francês e inglês. Responder, por favor, à administração desta Revista, a «Correspondente».

**J. Cardoso**

Informa todos os seus amigos que mudou a sua residência e negócios para:

«Néré Chokoa»

Avenue Diesse

Telefone 515.22

Bayonne (B. Pyr) — FRANCE

## AGRADECIMENTO

Agradecemos, muito penhorados, a toda a Imprensa que se referiu à passagem do nosso aniversário, em Abril.

Chamamos a atenção dos srs. industriais para o pedido que é feito no anúncio da firma Schwarz & Ehrlick, de New York.

# ADÃO POLÓNIA & C. ALDA



FABRICAS  
EM  
MATOZINHOS  
SETÚBAL

PORTUGAL

NOVA TÉCNICA NA FABRICAÇÃO DE CONSERVAS

## *Sistemas "Massó"*

Canais de descabeço e evisceração com transporte e lavagem automática de grelhas.

Fornos contínuos de cozimento de sardinhas pelo ar quente.

**Patentes N.º 20.618 - 20.619 - 20.874 e 22.868**

### VANTAGENS:

- a) economia de 15 % de mão de obra e de 40 % de sal.
- b) melhoria em qualidade e sabor do peixe, suprimindo inteiramente a sardinha mole, gretada ou partida como sucede com o cozimento pelo vapor.
- c) possibilidade de enlatamento rápido, por sair o peixe seco, rijo, facilitando a manipulação.
- d) melhor aspecto da sardinha, ainda que não tenha escamas.

*Massó Hermanos S. A.*

VIGO - HESPAÑA

REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

*Adão Polónia & C.ª, L.ª*

MATOZINHOS



# A indústria da pesca e das conservas

## Um ensinador e final balanço

Desejaria eu, neste último artigo, da série que amavelmente foi acolhida nesta *Revista*, poder dar as cifras completas da nossa actividade piscatória e conserveira, respeitante a todo o ano de 1947, para completar os números que ficaram nos escritos anteriores. Mas, por falta de apuramentos estatísticos, não consigo fazê-lo. Vou, entretanto, referir aqueles que apurei até ao presente, em relação ao ano findo.

No que respeita à pesca desembarcada, desde Janeiro a Setembro último, únicos apuramentos até agora feitos, cifrou-se ela em 126.804 toneladas, no valor global de 423.115 contos. Destacaram-se o atum e similares, com 2.675 toneladas, por 11.939 contos; a sardinha com 54.905 toneladas, por 151.799 contos, e as restantes espécies com 69.224 toneladas, por 259.377 contos. Se a pesca do restante trimestre se houver mantido nas mesmas proporções, terá fechado o ano com 169.072 toneladas, com o valor, também global, de 564.152 contos na nossa moeda actual, correspondentes a 12.411 contos ouro, conversão esta que fiz nos artigos anteriores. Mesmo na melhor das hipóteses, tanto em quantidades como em valores, o ano de 1947 ficará um pouco abaixo do de 1946. É lamentável que, até ao presente, não seja conhecida a quantidade do bacalhau pescado pelos nossos navios, mesmo até qualquer altura do ano findo, tratando-se, embora, de uma actividade cada vez maior, e orientada por um organismo corporativo que devia fazer o possível por tornar conhecida do país a sua acção, através de elementos estatísticos que, com certeza, também lhe terão sido pedidos, demais quando tal indústria vem sendo muito rendosa. Vejamos agora o que se

passou em matéria de conservas de peixe.

Abrangem os elementos estatísticos, de que me estou servindo, os meses de Janeiro a Novembro, inclusivê, do ano de 1947. Segundo eles, foram exportadas 33.561 toneladas, de todas as espécies, no valor declarado de 388.202 contos, correspondentes a 8.540 contos ouro. Se o mês de Dezembro manteve o ritmo médio de tais exportações, deve ter fechado o ano com 36.612 toneladas vendidas para o exterior, ou seja uma diferença, para menos, de cerca de 10.000 toneladas do que no ano anterior, segundo os números que dei no quadro do meu artigo, aqui publicado em Janeiro último. Também, nesta hipótese, o valor respectivo terá ficado em 9.312 contos-ouro, menos 2.801 do que em 1946.

Especificando agora as conservas exportadas, encontramos, nos referidos onze meses, 1.943 toneladas de atum e similares, em salmoura e azeite ou mólhos, no valor de 28.788 contos da moeda actual; sardinha, também em azeite ou mólhos, 23.941 toneladas, no valor de 282.326 contos, similares da sardinha e outras espécies 9.620 toneladas, nos valores de 77.088 contos, o que perfaz os 388.202 acima indicados. Convertidos em escudos-ouro, encontramos: conservas de atum, 633 contos, ou sejam menos 598 do que no ano anterior; sardinha e similares, 5.768 contos, ou menos 5.766 também do que em 1946; outras espécies, embora em muito maior tonelagem, com o valor também ouro de 2.139 contos, mais 2.109 contos do que no referido ano, de apoucada exportação em volume e valores de tais espécies, bem menos apreciadas e valorizadas do que o atum e a sardinha. No ano de 1945, talvez ainda

pelas grandes procuras derivadas das exigências da guerra, estas qualidades inferiores haviam atingido 8.616 toneladas, com o valor ouro de 2.550 contos, números estes últimos que sensivelmente se equilibraram com os de 1941, como pode constatar-se do quadro numérico do já referido artigo, aqui dado no número de Janeiro último.

Vemos assim, de um modo geral, que o ano de 1947 ficou um pouco abaixo do ano anterior, nas quantidades totais do pescado — salvo as do bacalhau de que, repito, não há apuramento. No que respeita a valores, o ano findo foi francamente mau, quer no volume de toda a exportação de conservas, mesmo que ela atinja as calculadas 36.612 toneladas em todo o ano, o que equivale às menos 10.000 em relação ao ano anterior, quer quanto aos valores ouro, se porventura vierem a atingir os também previstos 9.312 contos, contra 12.813 do ano anterior. Contudo, se levarmos em conta as menores quantidades exportadas, os preços ainda não foram maus.

Subsiste, portanto, a carência de mercados seguros de colocação, quanto possível para os bons e maus dias. É este um dos principais problemas a estudar, conjugado, evidentemente, com aperfeiçoamentos e possíveis reduções no custo da produção, tudo servido por uma propaganda eficaz, tanto no exterior como cá dentro, pois é lamentável que, tendo as conservas de peixe um alto valor nutritivo e um admirável maneja-mento culinário, elas não se difundam muito mais no nosso consumo popular talvez porque se trata de um produto demasiadamente caro mesmo para as classes médias.

Já nos artigos anteriores me permiti fazer algumas sugestões, talvez

## Toneladas de sardinha exportada, conservada em azeite ou mólhos

Pais de destino	1913	1919	1920	1925	1935	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947 (a)
Colónias portuguesas .....	658	208	595	194	266	370	264	266	248	278	86	159	400	303	269	409
África Ocid. britânica .....	-	-	-	-	-	1.175	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alemanha .....	3.957	-	-	7.020	14.129	10.609	10.008	9.770	-	11.491	19.035	18.439	9.092	-	-	-
Argentina .....	-	-	2.142	1.054	-	-	-	-	1.502	-	-	-	-	-	-	916
Áustria .....	-	-	-	-	-	608	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bélgica-Luxemburgo .....	2.219	5.386	3.520	2.235	3.855	2.890	2.451	3.305	802	530	-	500	1.217	-	4.448	13.841
Brasil .....	1.575	523	944	856	522	799	510	532	-	-	-	-	-	-	3.954	-
Checoslováquia .....	-	-	-	-	-	662	500	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cuba .....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	751	-
Dinamarca .....	-	1.272	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Egipto .....	-	-	808	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Estados U. da América .....	-	1.192	1.829	1.700	1.770	2.158	1.707	3.120	4.654	1.823	-	-	762	2.062	2.856	1.531
França .....	2.449	12.181	14.141	1.802	6.919	8.522	4.931	3.022	6.511	1.035	-	-	-	3.048	3.959	-
Grécia .....	-	1.979	709	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Holanda .....	574	500	548	1.244	506	-	-	508	-	-	-	-	-	1.467	-	1.414
Inglaterra .....	7.464	1.955	2.521	4.081	5.885	5.276	4.646	14.651	17.285	23.646	7.169	17.196	20.712	19.273	13.714	-
Itália .....	2.693	12.557	3.746	2.351	1.502	1.708	810	518	-	750	500	-	-	-	1.334	-
México .....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Palestina .....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	500	-	-
Rússia .....	1.350	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Suécia .....	-	-	-	-	641	777	640	888	-	-	1.220	-	-	-	-	767
Suiça .....	-	-	-	-	-	500	-	654	1.811	8.913	3.733	-	-	677	595	942
Turquia .....	-	715	1.675	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
União Sul-africana .....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	506	-	-
Outros países e fornecimen- tos à navegação estran- geira .....	1.616	1.269	1.485	1.454	3.513	3.632	4.010	3.552	3.417	1.437	4.171	1.150	1.339	888	4.409	4.101
<b>Somas.....</b>	<b>24.555</b>	<b>39.737</b>	<b>34.634</b>	<b>33.991</b>	<b>39.508</b>	<b>39.284</b>	<b>30.477</b>	<b>40.784</b>	<b>36.230</b>	<b>49.903</b>	<b>35.914</b>	<b>37.444</b>	<b>33.522</b>	<b>28.724</b>	<b>36.269</b>	<b>23.941</b>

(a) De Janeiro a Setembro

descabidas, porque sou inteiramente leigo na matéria, atento apenas à notável posição que a indústria da pesca e das conservas ocupa na economia mundial, por se tratar de valores dos mais salientes na nossa balança de pagamentos. Já excederam mesmo os tradicionais valores do nosso vinho, ficando-lhes agora acima os produtos florestais, como as cortiças, as resinas, seus derivados e as madeiras exportadas. Não devemos esquecer também que tal indústria do mar e as dela derivadas ocupam para cima de 40.000 pessoas, sustentando, por sua vez, também para cima de 200.000 portugueses.

Compete, assim, ao Governo, aos organismos corporativos interessados, aos fabricantes e ao comércio do peixe, reverem a situação actual, tanto mais que Portugal vai ten-

do cada dia novos e poderosos concorrentes, que, se não podem conosco competir, na excelente qualidade das conservas exportadas, desde que escrupulosamente se lhes mantenha e mesmo aperfeiçoe as características comerciais e alimentares, a verdade é que noutros países a pesca e as conservas vão tomando um desenvolvimento que há poucos anos não nos era licito prever.

No que respeita aos mercados nossos consumidores, o seguinte quadro mostra-nos bem quanto eles têm oscilado e nos submetem aos caprichos das exigências meramente ocasionais, o que de modo nenhum pode convir-nos, em vista dos elevados capitais immobilizados na pesca e nas conservas, e em presença do elevado número de portugueses que em tais actividades se empregam. Ao longo

dos anos que constam do aludido quadro, podemos ver quanto a procura das nossas conservas esteve sujeita às perturbações de natureza mundial, sendo fartamente disputadas, quando alguns países de tudo precisaram, para nos abandonarem, desaparecidas as transitórias exigências do seu abastecimento interno, e quando as crises mundiais os privam de muitas compras no exterior. Se o facto se notou durante a primeira grande guerra e anos de crise económica que depois sobrevieram, ele repetiu-se durante a recente hecatombe, quando os grandes beligerantes tudo nos compravam, bem podendo agora voltar-se a um novo período de auto abastecimentos que muito prejudica as nações que não podem ou não sabem conquistar e manter mercados regulares para as épocas normais.

**Mercado Belga**

Segundo nos informam, o governo belga pôs agora em vigor uma disposição tomada há tempos, mas que estava suspensa, que obriga a indicar na lata a qualidade exacta do óleo empregado.

Assim:

*Sardines à l'huile d'arachide* (se o fabrico é em óleo).

*Sardines à l'huile d'olive et d'arachide* (se se trata de mistura).

*Sardines d'huile d'olive* (se é só em azeite).

No fundo da lata deve ser gravado:

*Préparé en Portugal*

A fiscalização das autoridades belgas será rigorosa e todas as mercadorias que não obedeam a estes prescrições, serão recusadas.

**Direitos de importação na Holanda**

As conservas de sardinha em azeite, cuja entrada era livre na Holanda, passou, a partir de 1 de Janeiro deste ano, a pagar 20 % ad-valorem.

Estes direitos ficam, porém, em suspenso, durante o ano de 1948.

**Conservas de peixe para a Grécia**

O governo grego estabeleceu o programa das importações para o trimestre Abril-Junho de 1948 cujo total é de cerca de 100 milhões de dólares, compreendendo, entre outros produtos, 4.000 ton. de bacalhau seco, 350 ton. de peixe em conserva e 2.000 ton. de arenques fumados.

Espera-se que uma parte destas 350 ton. seja de conserva portuguesa.

**Acordo Comercial Luso-Belga**

No Acordo Comercial assinado ultimamente entre Portugal e a Bélgica, figuram os seguintes produtos cuja exportação interessa directamente à nossa indústria de conservas:

*Produtos alimentares:*

Conservas de peixe:	Ton.
— sardinhas em azeite ou em molho .....	18.000
— outras conservas .....	500

*Produtos vegetais e animais:*

Óleos de peixes industriais .....	700
-----------------------------------	-----

**Importação do Congo Belga**

*Produtos alimentares:*

Conservas de peixe .....	300
--------------------------	-----

**Valores de exportação**

Pela portaria n.º 12.262 de 22 de Janeiro último foram introduzidas as seguintes alterações fixadas pela portaria n.º 11.276, de 27 de Fevereiro de 1946, modificadas pelas portarias n.ºs 11.460 e 11.656, respectivamente de 15 de Agosto e 30 de Dezembro deste mesmo ano, e 11.920 e 12.152, respectivamente de 30 de Junho e 3 de Dezembro de 1947:

a) Criada a nova rubrica:

Ostras .....	3\$00 Kg.
--------------	-----------

b) Fixados os novos valores para as seguintes mercadorias:

Estanho metálico, em bruto ou afinado .....	50\$00 Kg.
Sal comum .....	140\$00 Ton.
Sal refinado .....	3\$00 Kg.
Farinha de peixe .....	2.000\$00 Ton.
Guano de peixe .....	1.200\$00 "
Amêijoas .....	2\$00 Kg.
Lulas .....	8\$00 "
Peixe congelado .....	12\$00 "
Peixe fresco e com sal ...	4\$00 "

**ALBERTO SOARES RIBEIRO, L<sup>DA</sup>**

CASA FUNDADA EM 1911

100, Rua Aurea, Lisboa, Portugal.

FABRICANTES  
EXPORTADORES

DE TODAS AS ESPÉCIES DE

**CONSERVAS DE PEIXE**

NAS MARCAS REGISTRADAS

Gizela — Gold Leaf — Gold Coin — Alsori  
The Argonauts — My One — Baisers du Portugal

DISTINTIVO DE QUALIDADE



FÁBRICAS EM SETÚBAL E OLHÃO



# Mercados



## Itália

(Do nosso correspondente  
DR. CARMELO  
ARPA)

Antes de tratar das condições do mercado italiano para as conservas de peixe, desejo dar um resumo da situação desta indústria no país.

A indústria de conservas de peixe italiana compreendia em 1947 cerca de 300 empresas, sem contar os pequenos «salatori» que exercem uma actividade familiar esporádica, quase todas de pequeno valor industrial, e que trabalham de Abril a Outubro. Há, contudo, entre elas, umas quarenta que têm um valor razoável e umas dez que se podem considerar importantes e que fabricam também o atum. Algumas destas últimas mantêm uma laboração contínua e produzem artigos para a exportação, tais como filetes de anchovas, antepasto, etc. Estas empresas trabalham também peixes frescos que importam da Turquia, Dinamarca, Noruega e Suécia.

As fábricas estão quase todas estabelecidas na Sicília e na costa do Adriático, encontrando-se também algumas na Liguria. A indústria das conservas na Sardenha, excepto para o atum, está pouco desenvolvida, embora se diga que a pesca é ali abundante.

A indústria siciliana, importante para o atum, é de reduzido valor para as outras conservas e salga, apesar de ali haver uma pesca abundante e duma qualidade que se considera excelente para a conservação,

Atribui-se este facto ao fraccionamento da organização industrial.

Apesar disso, a produção desta ilha desempenha um papel muito importante no mercado italiano por atingir cerca de metade da produção total do país desde que este perdeu a Istria e as fábricas de conservas ali existentes passaram para a Jugoslávia. Não só na Istria mas também na parte de Trieste actualmente ocupada pelos Jugoslavos, tinham os italianos organizado uma moderna indústria de conservas de peixe que foi totalmente perdida. Perda esta gravíssima para a Itália, pois as fábricas daqueles territórios podiam fabricar cerca de 100.000 caixas de sardinha em azeite, de qualidade fina, muito apreciada no estrangeiro.

Actualmente as fábricas de conservas de peixe encontram-se instaladas, além da Sicília, na costa italiana do Adriático (Bari, S. Benedetto del Tronto, Cattolica, Riccione, Comacchio, Chioggia, Marano Lagunare, Grado), todas estas últimas bem apetrechadas, modernas e algumas, como as de Bari, Marano Lagunare e Grado, organizadas para uma produção seguida e importante.

Julga-se que a indústria conserveira na Sicília e na Sardenha venha a desenvolver-se em virtude da ajuda que o Governo italiano dá aos pescadores da Istria e Dalmácia que abandonaram as suas terras com a ocupação da Jugoslávia e que virão trazer, com a sua experiência, um grande incremento à pesca.

A produção da indústria de conservas de peixe italiana em 1947, foi a seguinte, em toneladas:

Sardinhas em azeite, 1.000; atum em azeite, 2.500; filetes de cavala (esta fabricação faz-se sobretudo na ilha de Lampedusa), 500; bonito

em azeite, 500; biqueirão e sardinhas em salmoura, 6.000; outros peixes em salmoura, 2.000.

## Comércio

O comércio italiano teve que trabalhar, sobretudo, com a produção nacional, mas a importação não foi completamente abandonada.

Além das 10.000 toneladas de bacalhau que a Unrra enviou para a Itália, o comércio importou directamente mais 30.000 toneladas de bacalhau; 8.000 ton. de «stockfish»; 2.500 ton. de biqueirão salgado de Espanha; 2.500 ton. de atum em azeite de Espanha; 1.000 ton. de atum em azeite de outras proveniências; 20/25.000 caixas de sardinhas em azeite de Portugal; 6/7.000 caixas de sardinhas em óleo do Marrocos francês.

É necessário fazer aqui algumas observações.

A importação de Espanha foi feita, na sua totalidade, durante o primeiro semestre de 1947.

O acordo comercial entre os dois países, renovado em 20 de Junho, não teve uma aplicação prática em virtude do câmbio da peseta, que foi fixado a principio em Lit. 20,54, ter sido depois modificado para Lit. 31,96, o que fez paralizar quase completamente a importação das conservas espanholas.

É esta a razão por que a produção de conservas de peixe italiana teve um papel tão importante no abastecimento do mercado consumidor, apesar de lhe faltarem os fornecimentos de atum fresco da Dinamarca, Noruega e Suécia e de bonito da Turquia.

Em compensação fabricaram-se as cavalas importadas da Dinamarca, sobretudo em filetes.

Tentaram-se fazer negócios de compensação com a Espanha, mas não se obtiveram facilidades, nem em Madrid nem em Roma.

Concluíram-se, porém, ainda algumas transacções, de pouca monta em relação às possibilidades que existiam.

Depositaram-se, também, grandes

esperanças no tratado com Portugal, mas os resultados práticos são nulos, visto que Roma não concede licenças de importação.

A importação do atum, bonito e filetes de cavala, está sujeita à entrega obrigatória de 35 %, em pura perda. Quanto ao atum de Portugal, foi estabelecida uma diferença de preço a menos de Lit. 150 por quilo em relação ao atum de Espanha, o que é aqui considerado, pelo que diz respeito ao atum do Algarve, absolutamente injusto.

Apesar de todas estas dificuldades, fizeram-se importações de atum de várias proveniências e de sardinhas portuguesas em azeite, aproveitando-se da possibilidade da importação «franco-valuta», isto é, sem concessão oficial de divisas do «Ufficio Italiano per i Cambi». As divisas para estas importações são obtidas no mercado livre e pretende-se com este sistema fazer reentrar os capitais

dos italianos depositados no estrangeiro.

Enquanto a importação «franco-valuta» for permitida, as conservas de peixe portuguesa, exceptuando as salgas, podem aproveitá-la embora a subida do dólar em Fevereiro, no mercado livre, ponha actualmente um freio à importação de Portugal sob este sistema.

É aqui opinião assente que o Acordo Comercial entre Portugal e Itália deveria ser estabelecido em bases mais positivas, de forma a garantir às conservas de atum e às salmouras portuguesas o seu mercado «natural» neste país. O restabelecimento do posto franco de Genova poderá ainda assegurar-lhes os mercados dos outros países mediterrâneos.

Pensa-se, também, que a indústria de conservas de Portugal teria toda a vantagem em manter o contacto com os importadores italianos e que

deveria interessar-se por fazer encorajar a importação de produtos da Itália.

No presente estado de coisas, é muito provável que se chegue mais depressa à modificação do Acordo Comercial com a Espanha do que com um entendimento com Portugal. Os industriais espanhóis mostram-se activos e fazem pressões para que seja alterada a base actual do câmbio, sobretudo em vista da próxima campanha de fabrico de biqueirão salgado, que tem na Itália o mercado quase exclusivo.

Mas o mercado italiano, um consumidor formidável de conservas de peixe em molhos e em salmoura, poderá facilmente absorver, como antes da guerra, as produções de Portugal e Espanha, apesar da Dinamarca, a Noruega e a Suécia aparecerem, também, com as suas conservas de atum e cavala.



*As latas, depois de fechadas pelas cravadeiras, são dispostas em cestos nos quais são levadas para os autoclaves para serem esterilizadas*

# PELO ESTRANGEIRO

## ARENQUE EM SALMOURA NA ISLÂNDIA

A pesca do arenque na Islândia realiza-se no verão e nela participam 200 barcos com uma tonelagem que medeia entre 40 a 200 toneladas. A pesca anual atinge 200.000 a 300.000 toneladas, ou seja mais do dobro da pesca total do arenque nos Estados Unidos da América do Norte e no Canadá.

Pouco se sabe acerca dos movimentos do arenque. A teoria mais recente foi apresentada pelo biólogo islandês Arni Fridrikson em 1944. Segundo ele, o arenque tem a sua origem na corrente circular entre a Noruega, Groenlândia, Islândia, Ilhas Faroy e Jan Margen. Desova na costa norueguesa e o arenque jovem permanece ali até aos 2-4 anos de idade. À medida do seu crescimento vai fazendo viagens cada vez maiores, entre os períodos da desova, até chegar, finalmente, à Islândia. Tem então, em média, 11,5 anos de idade, 35 cm. de comprimento e 385 grs. de peso. O conteúdo de gordura é de 18 a 20 %.

A frota pesqueira islandesa foi modernizada. Todos os barcos têm emissora e receptor de rádio e aviões do Estado fazem vôos em busca do peixe. A maior parte do arenque pescado é seca, mas uma quantidade importante é salgada e metida em barris de que a Islândia faz uma grande exportação para a Suécia, Finlândia, Polónia, Checoslováquia e E. U. A.

## A INDÚSTRIA DE PESCA NA ÍNDIA

Com uma costa de mais de 2.600 milhas e com embocaduras como as das vias fluviais Ganges e Indus, inumeráveis lagos, etc., a Índia dispõe

de abundantes possibilidades para uma expansão das suas pescarias.

Uma investigação feita no mercado em 1941 mostrou que a quantidade de pesca colhida anualmente ascende a cerca de 660.000 ton.

Desta quantidade, dois terços são de pesca do mar e o restante de água doce. Actualmente o consumo de peixe, por pessoa, na Índia, é de 3 a 4 libras por ano (5 gramas diariamente).

Considerando o reduzido consumo de carne e de leite, há possibilidade

de aumentar o consumo de peixe num grau considerável.

A pesca na Índia exerce-se desde os tempos mais remotos. Os pescadores índios pescam, porém, ainda com os mesmos métodos antiquados que herdaram dos seus antepassados e não mostram desejos de aperfeiçoá-los.

A pesca não se faz além de 10 milhas da costa. As redes de pesca e o restante agrupamento, os métodos usados para secar, salgar, armazenar, tratar, embalar, transportar e vender o peixe são os mesmos usados há muitas gerações.

O Governo da Índia vai, porém, fazer uma revolução profunda na indústria da pesca, modernizando-a, e começou já pela compra de barcos de pesca e de fábricas frigoríficas no Canadá no valor de 150 milhões de rúpias.

## PREÇOS DAS CONSERVAS DE PEIXE NA INGLATERRA

Os preços máximos oficiais para a venda das conservas de peixe importadas, exceptuando as de prove-

niência norte-americana e Canadá, que estão livres, são os seguintes:

	Venda ao grossista por caixa	Venda ao retalhista por caixa	Venda a retalho por lata
<i>Sardinhas</i>			
1/10 cl. 20 mm .....	54/4	58/4	8 d.
1/8 cl. 25 mm .....	61/9	68/9	9 1/2 d.
1/8 cl. 30 mm .....	68/11	72/11	10 d.
1/4 esp. 25 mm .....	76/2 1/2	80/2 1/2	11 d.
1/4 cl. 30 mm .....	82/5 1/2	86/5 1/2	1/—
1/4 cl. 40 mm .....	115/9 1/2	119/9 1/2	1/4 2/1
1/4 red. 18 mm .....	68/11	72/11	10 d.
1/4 us. 22 mm .....	82/5 1/2	86/5 1/2	1/—
1/4 us. 24 mm .....	98/1	100/1	1/2
1/4 us. 30 mm .....	115/9 1/2	119/9 1/2	1/4 1/2
1/4 am.º 30 mm .....	134/6 1/2	138/6 1/2	1/7
1/2 alta 40 mm .....	226/2 1/2	230/2 1/2	2/7 1/2
4/4 80 mm .....	235/7	239/7	5/6
<i>Bristling</i>			
1/4 Dingley .....	82/5 1/2	86/5 1/2	1/—
<i>Sild</i>			
1/4 Dingley .....	74/1 1/2	78/1 1/2	10/ 1/2 d.
<i>Pilchard</i>			
48 l's oval .....	60/6	64/6	1/6
48 l's cilindro .....	60/6	64/6	1/6
96 1/2's oval .....	83/	87/	1/—
96 1/2's redondo .....	83/	87/	1/—
100 5 ou 6 oz. ....	50/6	54/6	7 1/2 d.

# M. J. & H. J. MEYER Co., Inc.

Estabelecidos em 1890

New-York, N. Y. U. S. A.



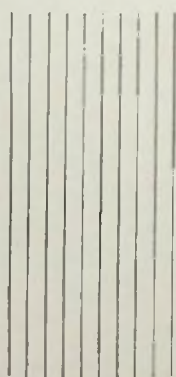
Únicos importadores da marca

**GRANADAISA**

em Conservas Portuguesas

de Sardinhas, Anchovas e Atum

em Azeite Puro de Oliveira



A MARCA PREFERIDA PELOS EPICURISTAS HÁ MAIS DUMA GERAÇÃO

# MATÉRIAS PRIMAS



## Contingentes de Folha

Os contingentes atribuídos a Portugal pelos E. U. A. para os três primeiros trimestres deste ano, foram os seguintes:

### 1.º Trimestre:

Total: 3.200 Ton.

Indústria das Conservas de Peixe (70%) .....	2.240 Ton.
Outras Indústrias (30%) ...	960 "

### 2.º Trimestre:

Total: 3.200 Ton.

Indústria das Conservas de Peixe (75%) .....	2.400 Ton.
Outras Indústrias (25%) ...	800 "

### 3.º Trimestre:

Total: 3.160 Ton.

Indústria das Conservas de Peixe (80%) .....	2.530 Ton.
Outras Indústrias (20%) ...	630 "

A parte dos contingentes atribuída à indústria de conservas de peixe é distribuída pelo I. P. C. P. por todos os industriais na quantidade que lhes cabe pelo rateio estabelecido pelos Grémios.

A percentagem destinada às outras indústrias é distribuída pelo Conselho Técnico Corporativo, e os industriais de conservas de peixe não participam nela.

Segundo a modalidade estabelecida para a importação da folha relativa ao 3.º trimestre, para as conservas de peixe, os industriais podem receber a parte que lhes couber no rateio por intermédio do I. P. C. P. ou directamente de outros fornecedores. A quase totalidade preferiu receber pelo I. P. C. P. e só uma pequena parte será entregue por outros fornecedores.

Além da folha dos contingentes, as autoridades americanas têm autorizado a exportação para Portugal de

outra, extra-contingente, o que veio ajudar a diminuir o desequilíbrio, ainda bastante grande, entre as quantidades contingentadas e as que a indústria de conservas de peixe necessita para a sua laboração que se computam em cerca de 18.000 ton. anuais.

## Recipientes de folha

Segundo a estatística oficial publicada pelo Bureau of Census nos E. U. A. a venda total de recipientes de folha durante o ano de 1946 ascendeu a 2.759.519 ton. Esta quantidade excede em 13 % a do ano anterior que foi de 2.441.574 ton. As latas para frutas e legumes participaram em cerca de 40 %, as de leite com 25 %, outros comestíveis herméticos, entre os quais conserva de peixe, com 25 % e os restantes produtos com 10 % desta quantidade.

## Importações de materiais em 1947

Fizemos as seguintes importações: Folha de Flandres, 13.673.911 quilos num total de 104.290.548 Escudos.

Chumbo, 2.276.496 quilos num total de 21.220.946 Escudos.

## Chumbo

A American Smelting and Refining Company subiu o preço do chumbo, que era de 15 centavos a libra, de mais 2 1/2 centavos a libra (peso), em virtude do que a sua cotação actual é de 17 1/2 centavos, entregue em Nova Iorque.

## Produção mundial de cautchu

A produção mundial de cautchu natural em 1947. é de cerca de 1.230.000 ton., correspondendo à península Malaya 646.362 ton. (52%)

que é considerado um número «record».

A fabricação do cautchu sintético nos E. U. A. diminuiu consideravelmente. Em 1947 produziram-se 508.702 ton. em comparação com 740.026 no ano anterior e com 820.352 em 1945.

## Restrições de folha nos E. U. A.

Com o fim de economizar 2.750 toneladas de estanho durante 1948, o Ministério do Comércio nos E. U. A. tomou medidas para restringir o emprego da folha que nalguns casos é substituída por folha preta ou folha com uma camada de estanho e chumbo.

Assim, não é permitida a aplicação de folha de Flandres nas embalagens de cerveja, café, alimentos de animais e óleos de motor.

Para os alimentos de animais deverá ser usada a folha preta e para os óleos de motor a folha coberta com liga de estanho e chumbo.

De Janeiro a Outubro de 1947 tinham sido utilizadas 410.101 ton. de folha em latas para estes produtos, assim distribuídas:

Cerveja .....	142.586
Café .....	96.030
Alimentos para animais .....	30.046
Óleos de Motor .....	141.439

Durante o mesmo período o total de folha empregado no fabrico de latas para conservas de peixe atingiu 81.871 ton.

## O preço do estanho na Inglaterra

O preço do estanho com 99 a 99,75 por cento de pureza, que já tinha sofrido em 17 de Dezembro de 1947 um aumento de £ 73 por tonelada, subindo de £ 437 para £ 510 f. o. b. porto inglês, teve em 6 de Janeiro deste ano uma nova alta de £ 9 por tonelada, fixando-se em £ 519 cada tonelada, f. o. b.

Em consequência deste aumento, a folha de produção inglesa passou a ser cotada a £ 3.13.11, por caixa de 216 libras, na fábrica produtora.



# LA ROSE

## CONSERVAS DE PEIXE

SARDINHAS — ATUM — FILETES DE  
CAVALA — FILETES DE ANCHOVAS

# FEU HERMANOS

RESP. LIM.

PORTIMÃO — ALGARVE



FUNDADA EM 1920



MARCA REGISTRADA



FEVEREIRO DE 1948

	Porcentagem %	Peso em quilos	Porcentagem %	Valor em Escudos
Para conservas em salmoura . . . . .	2,62	29.655	1,63	45.516\$00
" consumo . . . . .	97,38	1.103.866	98,37	2.743.271\$50
<b>Total . . . . .</b>	<b>100,00</b>	<b>1.133.521</b>	<b>100,00</b>	<b>2.788.787\$50</b>

Lotas	Destino	PÊSO			VALOR		
		Percent. %	Peso em quilos	Total	Percent. %	Escudos	Total
Leixões . . . . .	Consumo . . . . .	-	6.060	6.060	-	24.026\$50	24.026\$50
Peniche . . . . .	Consumo . . . . .	-	3.210	3.210	-	10.916\$00	10.916\$00
Lisboa . . . . .	Salmoura . . . . .	4,08	14.850	-	2,53	24.160\$00	-
	Consumo . . . . .	95,92	348.540	363.390	97,47	932.539\$00	956.699\$00
Setúbal . . . . .	Salmoura . . . . .	2,83	14.805	-	1,79	21.356\$00	-
	Consumo . . . . .	97,17	508.515	523.320	98,21	1.174.837\$00	1.196.193\$00
Sesimbra . . . . .	Consumo . . . . .	-	97.335	97.335	-	219.829\$00	219.829\$00
Sines . . . . .	Consumo . . . . .	-	3.591	3.591	-	16.043\$00	16.043\$00
Lagos . . . . .	Consumo . . . . .	-	26.495	26.495	-	81.239\$00	81.239\$00
Portimão . . . . .	Consumo . . . . .	-	82.320	82.320	-	200.572\$00	220.572\$00
Olhão . . . . .	Consumo . . . . .	-	27.800	27.800	-	63.270\$00	63.270\$00
				1.133.521			2.788.782\$50

MARÇO DE 1948

Lotas	Destino	PESO			VALOR		
		Percent. %	Peso em quilos	Total	Percent. %	Escudos	Total
Póvoa de Varzim	- consumo . . . . .	-	1.327	1.327	-	4.098\$00	4.098\$00
Leixões	- consumo . . . . .	-	97.800	97.800	-	487.935\$00	487.935\$00
Figueira da Foz	- consumo . . . . .	-	810	810	-	2.624\$00	2.624\$00
Peniche	- consumo . . . . .	-	23.330	23.330	-	97.373\$50	97.373\$50
Lisboa	- consumo . . . . .	-	104.012	104.012	-	409.750\$50	409.750\$50
Setúbal	- consumo . . . . .	-	37.100	37.100	-	129.810\$00	129.810\$00
Sines	- consumo . . . . .	-	24.354	24.354	-	66.838\$00	66.838\$00
Lagos	- consumo . . . . .	-	5.110	5.110	-	17.252\$00	17.252\$00
Portimão	- consumo . . . . .	-	63.070	63.070	-	213.834\$00	213.834\$00
Olhão	- consumo . . . . .	-	12.670	12.670	-	37.625\$00	37.625\$00
V. R. de Sto. Ant.º	- consumo . . . . .	-	1.190	1.190	-	3.250\$00	3.250\$00
				370.773			1.470.390\$00

# SAIAS, IRMÃOS & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>

FABRICANTES - EXPORTADORES

CONSERVAS EM AZEITE E EM SALMOIRA

Sardinhas, Cavalas, Atum, Filetes e Pasta de Anchovas, etc.

Marcas: Olympique, Sonia, Sonita, Saias, Alda Esther

Telefone 47

End. Teleg. «Saias»



Códigos:

Rudolf Mosse  
Rudolf Mosse Suppl.  
Bentley's  
Ribeiro  
Privados

OLHÃO - PORTUGAL

## **RICHARD D. DUDLEY & CO. LIMITED**

**IMPORTADORES E AGENTES**

TELEPHONE:  
MANSION HOUSE 6221-2

41, EASTCHEAP  
LONDON, E. C. 3.

TELEGRAMAS:  
GOODWILL, LONDON

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES DIRECTOS AOS ARMAZENISTAS  
EM TODA A INGLATERRA

**ESPECIALIDADES**

**CONSERVAS DE SARDINHA E OUTROS PEIXES**

•  
CONSERVAS DE FRUTOS E LEGUMES

•  
AZEITE D OLIVEIRA

•  
FRUTOS SECOS — ALFARROBA — PIMENTÃO

•  
VINHO DO PORTO — BRANDY

END. TELEG  
«BIENCODAR»

# BIEN TRADING COMPANY, Inc.

IMPORTADORES DISTRIBUIDORES

105 HUDSON STREET  
NEW YORK, N. Y.

SARDINHAS ■ ATUM ■ ANCHOVAS ■ PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

*Marcas Registradas:*  
PALACIO DE ORIENTE, ALBATROS,  
ANTONIO ALONSO, HIJOS, LA CORRIDA,  
LION D' ARGENT



FABRICA em SETÚBAL---FABRICAS em ESPANHA

**Forbes de Bessa & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>**

FÁBRICA DE CONSERVAS

**RECORD**

TELEF. 355  
TELEG. RECORD  
APARTADO 35

Rua Mouzinho de Albuquerque, 673  
**MATOSINHOS**

MARCAS:

Forbes — Record — Ramos  
Radar — Romeu e Julieta — Una

**ACIL**

**Agência Comercial e Industrial, Lda.**

IMPORT. — EXPORT.  
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

PRAÇA DA RIBEIRA NOVA, 6-2.º

**LISBOA - PORTUGAL**

TELEF. 27677 — TELEG. ACILDA

Importadores e Distribuidores de Matérias  
Primas para a Indústria de Conservas  
Óleo de Mendobi e Azeite de Oliveira,  
Folha de Flandres, Inglesa e Americana,  
Arames, Arcos para Caixas, etc.

ARMAZÉNS EM:

**MATOSINHOS-SETÚBAL  
PORTIMÃO-OLHÃO**

**STEINHARDTER & NORDLINGER**

Os Agentes mais antigos nos E. U. A. para as  
CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS

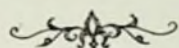
ESTABELECIDOS EM 1908

Escritórios principais em:

105, Hudson Street  
New York City, N. Y.

112 Market Street  
San Francisco, California

EMPRESA EXPORTADORA  
LUSITANIA, L.<sup>DA</sup>

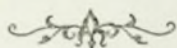


CONSERVAS DE PEIXE

*Sardinhas, Atum, Filetes  
de Cavalas, Anchovas*

Marcas:

ODEON-TIVOLI  
PACIFIC-SEABELLE



Telegrafo  
LUSITANIA

Correspondencia  
APARTADO, 100

Telefone  
272

S E T Ú B A L

APA



**SEVEN BRAND**

SÃO CONSERVAS  
DE CONFIANÇA

FABRICADAS POR

*Manuel Pereira Junior*

RUA BERNARDINO COSTA, 41 • LISBOA • PORTUGAL



Lopes da Cruz & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

Rua Brito e Cunha N.º 513 a 541

MATOSINHOS — PORTUGAL



O LEÃO IMPÕE-SE PELA FORÇA...  
COMO AS CONSERVAS  
LOPES DA CRUZ & C.ª L.  
PELA QUALIDADE

Com fábricas em:

Matosinhos

Vila do Conde



End. Telegráfico: ALCORI-NEW YORK

# Albert N. Cory, Inc.

99 HUDSON STREET

---

 IMPORT REPRESENTATIVES
 

---

Estabelecida em 1924

*Especialistas em Azeites de Oliveira* ■ *Azeitonas* ■ *Conservas de Peixe*

Tele { phone: 272-M  
grams: AVIZ

FABRICA DE CONSERVAS

AVIZ

EDMUNDO FERREIRA

Import — Export

●  
HEAD OFFICE

MATOSINHOS (Portugal)

Rua D. João I, 123

●  
FACTORY

VILA DO CONDE (Portugal)



SOFAL

Vila Viçosa

OS MELHORES AZEITES  
para Conservas e exportação

---

 VIRGENS  
REFINADOS
 

---



# ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DAS CONSERVAS DE PEIXE

Criada pelos decretos-leis N.º 26.775 26.776 e 26.777 de 10 de Julho de 1936

## ORGANISMO DE COORDENAÇÃO ECONÓMICA

### INSTITUTO PORTUGUÊS DE CONSERVAS DE PEIXE

(I. P. C. P.)

*Director:* C.º Daniel Duarte Silva

*Director adjunto:* Eng.º António Pinheiro de Magalhães Júnior

*Director Adjunto:* Dr. António Ladislau Durão Ferreira

*Delegado do Governo junto dos Grémios:* Dr. Pedro Chaves Ferreira

## ORGANISMOS CORPORATIVOS

### GRÉMIOS DOS INDUSTRIAIS

#### DO NORTE

José António Ferreira Barbosa  
Narciso José Barroso  
Américo de Oliveira Bessa

*Sub-delegado do Governo no Norte*  
Cap. Rogério Correia Ferreira

#### *De Sotavento do Algarve*

José Amandio Guerreiro Correia  
João de Brito Folque  
Silvério Gonçalves Sais

*Sub-delegado do Governo no Sul:*  
Dr. Fernando de Mendonça

#### DO CENTRO

Alfredo Augusto de Almeida  
Manuel Pereira da Cruz  
Filipe Nazareth Fernandes

#### DE SETÚBAL

Dr. Francisco Perienes  
Diniz Lopes David  
José Narciso Ferreira de Freitas

#### *De Barlavento do Algarve*

José Mendes Furtado  
António da Silva Freitas  
Manuel Gaspar Patrocínio

### GRÉMIO DOS EXPORTADORES

Feliciano dos Anjos Pereira  
Joaquim Vinhas Cabrita  
João Veiga Henriques



*As sardinhas por-  
tuguesas de conserva  
são deliciosas e cons-  
tituem um poderoso  
alimento.*

ETP

